



<http://www.unifafibe.com.br/revistalettrasfafibe/>

ISSN 2177-3408

FLÁVIO FERRAZ REIS LOPES DE OLIVEIRA

**LITERATURA PORTUGUESA: ESTUDO SOBRE AS
CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICO-ESTRUTURAIS E O EU-
LÍRICO DE POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS**

BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2013

FLÁVIO FERRAZ REIS LOPES DE OLIVEIRA

**LITERATURA PORTUGUESA: ESTUDO SOBRE AS
CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICO-ESTRUTURAIS E O EU-
LÍRICO DE POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Ms. Mateus Cruz Maciel de Carvalho

BEBEDOIRO – SÃO PAULO
2013

Oliveira, Flávio Ferraz Reis Lopes de
Literatura Portuguesa: Estudo sobre as características
semântico-estruturais e o eu-lírico de poemas de Álvaro de
Campos / Flávio Ferraz Reis Lopes de Oliveira. --Bebedouro:
Unifafibe, 2013.

102 f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras
/ Inglês – Centro Universitário Unifafibe, Bebedouro, 2013.

Bibliografia: f. 39

1. Literatura Portuguesa. 2. Poesia. 3. Eu-lírico. I. Título.

FLÁVIO FERRAZ REIS LOPES DE OLIVEIRA

**LITERATURA PORTUGUESA: ESTUDO SOBRE AS
CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICO-ESTRUTURAIS E O EU-
LÍRICO DE POEMAS DE ÁLVARO DE CAMPOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês ou Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Ms. Mateus Cruz Maciel de Carvalho

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Ms. Mateus Cruz Maciel de Carvalho
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado: Prof. Ms. Natália Helena Wiechmann
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela disposição e pela proteção que me concedeu no desenvolvimento desta pesquisa;
À Profa. Mariângela, que esteve conosco até o penúltimo semestre ministrando as aulas de literatura que me fizeram escolher o tema deste trabalho.

Ao meu orientador, Mateus, que mesmo não pertencendo à área da literatura com toda paciência e educação sempre esteve disposto a ajudar na elaboração deste trabalho sugerindo leituras.

À Profa. Natália, que foi fundamental durante minha formação, não só neste Centro Universitário. Sem ter obrigação fez as leituras do trabalho corrigindo os meus erros e dando vários caminhos para que eu pudesse chegar ao fim.

Aos professores Rinaldo, Michelle e Cidinha pelos pontos levados à reflexão durante a defesa do meu trabalho em sala de aula na primeira apresentação e na apresentação durante a semana do fórum de debate dos TCCs.

Aos professores Rinaldo, Natália, Mariângela, Lígia, Michelle, Jacob e Phablo pela valorosa contribuição por meio das reflexões estimuladas durante o curso das disciplinas;

À Rafaela, Jeane, Viviane e ao Kairo que foram muito importantes e motivadores, demonstrando amizade e companheirismo até o final desses anos intensos que vivemos juntos.

À minha mãe Márcia e a meu pai Armando (*in memoriam*), pelo apoio indispensável, e à minha irmã Amanda.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, levaram-me a refletir e a assumir posições, contribuindo com o meu amadurecimento pessoal e científico.

“Sentir? Sinta quem lê!” (PESSOA, 2005,p.104).

RESUMO

Este trabalho da área de literatura portuguesa examina as características de produção literária do heterônimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, considerando três poemas: “Opiário”, “Ode Triunfal” e “Tabacaria”, representando as três fases literárias do poeta: decadentismo, futurismo/sensacionismo e intimismo. Comparamos as características semânticas e estruturais dos poemas com as características do eu-lírico destes poemas. Consideramos os críticos literários João Gaspar Simões (1980), Massaud Moisés (1973; 2005) e Jacinto do Prado Coelho (1977). De maneira complementar mostramos as características de produção de Alberto Caeiro e Ricardo Reis, dois heterônimos que estão no mesmo nível de Álvaro de Campos. Também mostramos as características de produção do criador de todos os heterônimos, Fernando Pessoa. Para o enriquecimento deste estudo, buscamos semelhanças entre a fase futurista do heterônimo Álvaro de Campos, por meio dos poemas “Saudação a Walt Whitman” e “Ode Triunfal” e, o poema “Song of Myself” do poeta americano Walt Whitman, que influenciou Álvaro de Campos. Concluimos que as três fases da poesia de Álvaro de Campos tem relações entre si, por cada uma ser a continuação da anterior, em que no final o eu-lírico retoma ao mesmo ponto de partida, a decadência. Também podemos afirmar como Fernando Pessoa dizia, o poeta é um fingidor e neste caso percebemos que tudo não passa de palavras, pois na realidade tudo o que foi retratado nunca existiu e isso contribui para aumentar a distância entre poeta e eu-lírico.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Heterônimo. Eu-lírico

ABSTRACT

This work in the area of Portuguese Literature examines the characteristics of the heteronym Alvaro de Campos's production, considering three poems: "Opiario", "Ode Triunfal" and "Tabacaria", representing the three literary phases of the poet: decadentism, futurism/sensationism and intimacy. We compare the structural characteristics of semantic poems with the characteristics of the poems' speaker. We consider the literary critics of João Gaspar Simões (1980), Massaud Moisés (1973; 2005) and Jacinto do Prado Coelho (1977). In a complementary way, we showed the characteristics of Alberto Caeiro and Ricardo Reis' production, two heteronyms that are on the same level of Alvaro de Campos. We also show the characteristics of the production of all heteronyms' creator Fernando Pessoa. To the enrichment of this study, we search for similarities between a phase of futurism of Alvaro de Campos's heteronym, by the poems: "Saudação a Walt Whitman" and "Ode Triunfal" and, "Song of Myself", by Walt Whitman, an American poet, by whom Alvaro de Campos was influenced. We conclude that the three phases of the poetry of Álvaro de Campos have a relation with each other, each one being the continuation of the previous one, in that in the end the self-lyrical returns to the same starting point, the decay. Also we can say as Fernando Pessoa said the poet is a faker and in this case we realize that everything is just words, because in fact all that was portrayed never existed and this helps to increase the distance between the poet and the poems' speaker.

Keywords: Portuguese Literature. Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Heteronym.
Poems' speaker.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1 Fernando Pessoa e Várias Pessoas	10
2 Álvaro de Campos, várias fases e faces	16
3 Análise dos poemas: Decadentismo: "Opiário"	19
3.1 Futurismo/ Sensacionismo "Ode Triunfal"	21
3.2 Intimismo "Tabacaria"	26
3.3 A influência de Walt Whitman na poesia de Campos	30
4 Considerações Finais.....	37
Referências	39
Anexos	40

INTRODUÇÃO

Para o presente trabalho investigamos o heterônimo criado por Fernando Pessoa, Álvaro de Campos. Para isso escolhemos três poemas: “Opiário”, “Ode Triunfal” e “Tabacaria”, que respectivamente representam a complexa produção de Álvaro de Campos dividida em três fases: decadentismo, futurismo/sensacionismo e intimismo.

Trabalhamos especialmente as características de autoria e fizemos a análise dos poemas distinguindo cada fase. Em “Opiário” mostramos um eu-lírico em profunda reflexão acerca da vida, resultando em uma profunda depressão. Em “Ode Triunfal”, evidenciamos a energia e a vitalidade de Álvaro de Campos em momentos de histeria e emoção. Por fim, em “Tabacaria”, apresentamos um sujeito procurando se libertar de uma alma vazia.

A escolha por Álvaro de Campos deve-se ao fato de ser um dos heterônimos mais importantes de Fernando Pessoa e da Literatura Portuguesa. Nele se revelam todas as frustrações presentes em qualquer ser humano moderno como o tédio, as dúvidas e a falta de esperança em vários momentos da vida.

Apresentamos de modo complementar as características da produção de Alberto Caeiro e Ricardo Reis, que, somados a Álvaro de Campos, formam o grupo dos heterônimos mais importantes criados por Fernando Pessoa na história literária portuguesa.

Analisamos também algumas semelhanças entre Álvaro de Campos e Walt Whitman. Escolhemos o poema “Ode Triunfal” e “Saudação a Walt Whitman”, da fase futurista de Álvaro de Campos, e alguns trechos do poema “Song of Myself” de Walt Whitman, pois é possível encontrar intertextualidade nos versos dos dois poemas e também semelhanças entre o estilo de Whitman e o heterônimo. Mostramos que as semelhanças se comprovam nos poemas “Ode Triunfal” e “Saudação a Walt Whitman” comparando essa influência entre o heterônimo português e o poeta americano. É possível perceber que Álvaro de Campos, na fase futurista, se assemelha ao poeta Walt Whitman. Entretanto, é importante mencionar que Walt Whitman produziu sua obra *Leaves of Grass* muito antes de Álvaro de Campos, em 1855.

O suporte do nosso trabalho tem por base críticos como João Gaspar Simões (1980), Jacinto do Prado Coelho (1977) e Massaud Moisés (1973; 2005) com a finalidade de coletarmos informações para nos auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. Apontamos esses

críticos porque eles produziram várias obras relevantes sobre a Literatura Portuguesa. Nessas obras estão presentes Fernando Pessoa e seus heterônimos.

Este trabalho nasceu a partir das aulas de Literatura Portuguesa Moderna em que houve a exposição sobre a escola Modernista. Um dos melhores momentos das aulas se deu durante a explanação e conceituação sobre a geração “Orpheu”, em que descobrimos o fantástico universo da criação dos heterônimos feita por Fernando Antônio Nogueira Pessoa, popularmente conhecido como Fernando Pessoa. Grande parte de sua vida foi dedicada à poesia.

A pesquisa foi realizada por meio de trabalho bibliográfico, visando aprofundar acontecimentos, levantar hipóteses e compreender o objeto estudado. Somente desta maneira foi possível afirmar nossos pensamentos e fazer as interpretações dos poemas, até mesmo traçando as semelhanças retiradas da poética de Whitman. Para isso, nosso trabalho teve como metodologia a leitura e o fichamento textos de críticos literários, livros sobre literatura portuguesa, artigos com foco no período moderno e na criação do heterônimo Álvaro de Campos.

O primeiro capítulo apresenta as informações encontradas por meio da leitura dos livros sobre Fernando Pessoa e seus heterônimos. Encontramos alguns trechos que mostram as diferenças entre os heterônimos e, ainda neste capítulo, definimos o que é eu-lírico, heterônimo e ortônimo.

No segundo capítulo, discorremos sobre Álvaro de Campos, traçando suas características segundo críticos literários.

Por fim, no terceiro capítulo fizemos a análise dos poemas “Opiário”, “Ode Triunfal” e “Tabacaria”, contrapondo as características de autoria de Álvaro de Campos e distinguindo cada fase. Também mostramos a proximidade que Álvaro de Campos cria em sua fase futurista com o poeta Walt Whitman como notamos nos poemas do heterônimo “Saudação a Walt Whitman” e “Ode Triunfal”. Mostramos que Campos inspirava-se no poeta Americano.

1 FERNANDO PESSOA E VÁRIAS PESSOAS

Antes de começarmos a falar sobre Fernando Pessoa devemos explicar e definir dois termos aos quais recorreremos em vários momentos deste trabalho (ortônimo e heterônimo), buscando sanar qualquer tipo de dúvidas que possam surgir em relação a esses conceitos. Primeiramente, quando se fala em Fernando Pessoa temos que pensar em duas partes: ortonímia e heteronímia.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 1583 e 2085) traz, respectivamente, as seguintes definições para heterônimo e ortônimo:

Heterônimo: Nome imaginário que um criador identifica como o autor de obras suas e que, à diferença do pseudônimo, designa alguém com qualidades e tendências marcadamente diferentes das desse criador.
Ortônimo: Nome civil completo e correto ou o ordinariamente declarado pelo próprio denominado; autônimo.

Desta maneira, ortônimo é a junção de *orthos*, que significa autêntico, e *ónomos*, que significa nome. Então, quando falamos em Fernando Pessoa ortônimo devemos pensar nos poemas que são assinados por ele mesmo, Fernando Pessoa.

Heterônimo é a junção de *heteros*, que significa diferente e *ónomos*, que significa nome, portanto é neste momento que estamos diante das poesias que são assinadas por eu-líricos completamente diferentes dos utilizados pelo ortônimo.

Diante destas duas definições não podemos confundir heterônimos e ortônimo na criação poética de Fernando Pessoa. Veremos que Pessoa cria novos poetas e que cada um pode ser identificado facilmente por terem características diferentes durante suas produções. Para esclarecer, podemos destacar este pequeno resumo feito pelo crítico literário Massaud Moisés (1973, p.179):

[...] esse múltiplo e atomizante desdobramento de personalidade é que constitui o mecanismo gerador dos “heterônimos”. Nada tendo que ver com “pseudônimos”, e significando “outros nomes”, denotam a existência, no psiquismo pessoano, de uma série de poetas, com identidade, vida e diretrizes próprias, de modo a tornar F.P um e vários concomitantemente. Assim procedendo, habilitava-se a ver o mundo como os outros o viram, vêem e verão [...]

Além disso, nosso estudo foi feito através da concepção de eu-lírico. Em nenhum momento podemos nos confundir achando que o poeta é quem sentiu todas as sensações relatadas em seu poema ou até que são fatos acontecidos em sua própria vida. Adiantamos que tanto Fernando Pessoa quanto a crítica literária moderna presam pelo distanciamento entre autor e obra. Devemos saber que estamos diante de uma obra artística e neste caso quem assume os versos é o eu-lírico, a voz do poema:

O sujeito lírico sempre existe através das escolhas de linguagem que o poema apresenta, mas na poesia moderna fica mais evidente que o sujeito lírico é o responsável por esses “atos de denominação”: não que pode ser confundido com o poeta de carne e osso porque sua existência brota da melodia, do canto, da sintaxe, do ritmo: o sujeito lírico é o próprio texto, e é no texto que o poeta real transforma-se em sujeito lírico. (CARA, 1989, p.48)

A questão de separar completamente autor e obra quando fazemos a análise ou a leitura de um poema, surgiu nos Estados Unidos em 1920 com a corrente de estudiosos da Nova Crítica ou New Criticism. Mas Fernando Pessoa, no ano de 1914 já fazia isso, ou seja, buscava esta distância entre autor e obra, tanto que chega a criar dezenas de heterônimos.

Homem do final do século XIX e início do século XX de Portugal, Fernando Pessoa (1888-1935) vive o momento de mudanças industriais, econômicas e principalmente políticas. Portugal ainda vivia em um momento de repressões, comandadas por Antônio de Oliveira Salazar (1889- 1970), fundador e líder do regime ditatorial denominado Estado Novo, em que o país fora obrigado a se submeter às opressões impostas por um governo ditatorial num período de 41 anos, mas nada disso fez com que desistisse da poesia e de suas várias criações de heterônimos.

Ao falarmos em criações devemos salientar que Fernando Pessoa não se resume somente ao adjetivo singular, por ter se destacado diante de outros poetas. Certamente também pode ser denominado um poeta plural uma vez que durante suas produções dividiu-se em vários, ou em várias Pessoas. São mais de 70 os heterônimos criados, entre eles os mais conhecidos são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

É importante dizer que todos os heterônimos ganharam personalidade própria, por isso suas características de produção são totalmente diferentes umas das outras. Isso se deve ao fato de cada heterônimo ter sua própria história e nela estão presentes data de nascimento, profissão e toda a trajetória percorrida por cada heterônimo, mostrando a vida de cada um e a subjetiva maneira de sentir.

Podemos distinguir as características das produções dos poemas dos três heterônimos que tiveram maior destaque a partir da citação de Massaud Moisés (2005), em que este fez um resumo do perfil dos heterônimos:

[...] alguns ‘heterônimos’ foram ‘nascendo’, dos quais revelaram os seguintes: Alberto Caeiro, ‘nascido’ a 8 de maio de 1914 e mestre dos outros, é poeta e apenas poeta, e vive no contacto com a natureza, cuja felicidade, proveniente do não-pensar, procura imitar; Ricardo Reis simboliza o modo humanístico de ver o mundo, pela adesão ressuscitadora do espírito da Antiguidade Clássica; Álvaro de Campos, poeta moderno, profundamente ajustado ao século XX, que do desespero extrai a própria razão de ser, transformando em revolta, a um tempo atual e perene, seu conforto com a máquina. (MOISÉS, 2005, p.149)

Devemos dizer que tanto o eu-lírico dos heterônimos e do ortônimo não foram criados ao acaso. Fernando Pessoa busca o que a crítica literária moderna preza durante a análise das obras, isto é, separar a vida do escritor dos fatos e experiências vividas pelo mesmo. Pessoa preza por um único olhar: escritor é uma coisa e eu-lírico outra. Ele e a crítica literária veem uma necessidade de distância neste aspecto. Com a criação dos heterônimos ele consegue este distanciamento e, como veremos a seguir, cada um tem o seu estilo.

Nos poemas de Alberto Caeiro é possível encontrar um eu-lírico que busca o equilíbrio de sua vida por meio da natureza. Caeiro tem uma visão Panteísta por acreditar que Deus é imanente ao universo. Em seus poemas, Deus existe por meio da natureza ou de coisas concretas e sua figura só se concretiza nas coisas que o eu-lírico pode ver. Deste modo, Deus está presente em tudo o que nos cerca.

A aversão à metafísica, tudo o que a ciência pode explicar, também está presente em seus poemas. Para Caeiro, as coisas presentes no mundo não podem ser explicadas, diferentemente das teorias da metafísica. Ele defende que tudo deve ser sentido. Podemos definir Caeiro como o heterônimo mais sinestésico, em seus poemas são tratados/sentidos, assim como a visão e a audição.

Na visão de Caeiro, o pensar pode ser comparado a uma doença. Caeiro trabalha em seus poemas com a recusa do pensamento. A natureza, como explicamos, tem muita importância para o eu-lírico, uma vez que está ligada a Deus.

Para termos ideia de como são os poemas de Alberto Caeiro, escolhemos um trecho do poema “Há metafísica bastante em não pensar em nada” (PESSOA, 2006, p.39). Nele poderemos sentir como Deus e a natureza são tratados pelo eu-lírico.

O único sentido íntimo das cousas
 É elas não terem sentido íntimo nenhum.
 Não acredito em Deus porque nunca o vi.
 Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
 Sem dúvida que viria falar comigo
 E entraria pela minha porta dentro
 Dizendo-me, Aqui estou!

[...]

Mas se Deus é as flores e as árvores
 E os montes e sol e o luar,
 Então acredito nele,
 Então acredito nele a toda a hora,
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Observamos que a linguagem utilizada por Caeiro é simples, de fácil entendimento, uma vez que em seus poemas são escritos em ordem direta e as palavras não são rebuscadas. Este poema também nos revela um eu-lírico que só acredita em Deus diante das coisas concretas do mundo. A sinestesia também foi usada pela figura dos olhos, ouvido e fala.

Diferentemente de Caeiro e dos outros heterônimos, Ricardo Reis privilegia uma linguagem erudita e o eu-lírico de seus poemas é sensato e trabalha com a razão. Para Reis, o destino é certo e desemboca na morte, que deve ser encarada de uma única forma: aproveitando o dia. Reis compartilha da frase *Carpe Diem* escrita em Latim e publicada em um dos poemas de Horácio¹. Esta frase em português ganhou a tradução de “Colha o dia” ou simplesmente “Aproveite o dia”, exatamente o que este heterônimo tenta nos passar através do eu-lírico.

Podemos analisar esta afirmação no poema “Tão cedo passa tudo quanto passa!”². Observa-se que não há nada para fazer na vida a não ser vivê-la, pois tudo passa rapidamente e quando percebermos, a morte já chegou:

Tão cedo passa tudo quanto passa!
 Morre tão jovem ante os deuses quanto
 Morre! Tudo é tão pouco!
 Nada se sabe, tudo se imagina.

¹ Filósofo e poeta lírico satírico, nascido na Venússia em 8 de dezembro de 65 a.C. e morreu em Roma no dia 27 de novembro de 8 a.C.)

² Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000005.pdf>> página 46. Acesso em 25/10/2013

Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

Outra característica é a crença em deuses da mitologia, fazendo com que Reis seja considerado pagão. Nesse sentido, o eu-lírico nos mostra todo o conhecimento que tem sobre essa cultura mitológica.

A linguagem utilizada por Ricardo Reis é a mais elaborada em comparação com os outros heterônimos, até mesmo a linguagem utilizada por Fernando Pessoa ortônimo não possuía um léxico bem elaborado quanto o de Reis. Em seus poemas, a linguagem erudita prevalece e muitas vezes os leitores precisam recorrer aos dicionários.

Já Fernando Pessoa ortônimo trabalha com as oposições. Fingir e realmente ser, pensar e sentir são algumas das oposições que formam seus poemas, o poeta ortônimo trabalha em seus poemas com o binômio de duas realidades, a vivida (concreto) e a sonhada (abstrato).

As oposições podem resultar em dúvidas que perturbam o eu-lírico de Fernando Pessoa com a tremenda dor de viver e também de pensar. No momento em que o eu-lírico pensa e faz questionamentos, muitas vezes chegando a crises existenciais, o poema ganha forma e torna-se concreto. Desta maneira, há um desejo de voltar à infância para que uma nova vida seja traçada e as realizações aconteçam. A atmosfera criada por Fernando Pessoa ortônimo é bastante pessimista, normalmente descrita em versos curtos assim como podemos ver no poema “Isto” (PESSOA, 2005, p. 104):

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

Neste poema de Fernando Pessoa ortônimo percebemos que é trabalhado o binômimo sentir e pensar. Além disso, o eu-lírico utiliza a palavra fingir, mostrando como são feitos os poemas, afirmando, portanto, que sua produção se constrói por meio da imaginação, e a leitura do poema, a parte concreta, fica por conta do leitor: “Sentir? Sinta quem lê!”

As rimas do poema aparecem de forma alternada e sempre nos dois últimos versos da estrofe de forma emparelhada, com exceção da terceira e última estrofe em que a rima destoa (ABABB, CDCDD, EFEFG). No momento do último verso o leitor também pode dezoar em sua interpretação daquilo que era ponto de partida para o poeta.

2 ÁLVARO DE CAMPOS, VÁRIAS FASES E FACES

Até o momento classificamos os três principais heterônimos e Fernando Pessoa ortônimo. Nesta segunda etapa nos aprofundaremos em Álvaro de Campos, o poeta que sente tudo de todas as maneiras as energias que o mundo despeja sobre ele, refletindo isso em seus poemas. Devido à alta capacidade de absorver acontecimentos com tamanha intensidade, ele é o único heterônimo que teve sua trajetória dividida em fases. A instabilidade demonstrada pelo eu-lírico é visível em seus poemas longos. João Gaspar Simões (1980, p.297) revela o grau de profundidade emocional de Álvaro de Campos: “Em verdade, Álvaro de Campos, de entre os três heterônimos fundamentais do ‘drama em gente’, é o mais laboriosamente fabricado”.

Entre os mais de 70 heterônimos, Álvaro de Campos poderia ser apenas mais um deles, mas não foi isso o que aconteceu devido a instabilidade que fez com que seus poemas fossem divididos em fases. Ele é um dos três mais conhecidos heterônimos de Fernando Pessoa. Estudos e viagens nunca fizeram com que se sentisse completo e talvez seja por essa a razão da eterna busca das diferentes maneiras de sentir o mundo. Faremos uma pequena volta ao tempo para saber algumas informações sobre Álvaro de Campos, que foram descritas por seu criador, Fernando Pessoa:

[...] Álvaro de Campos (o mais historicamente de mim) [...] Álvaro de Campos nasceu em Távira, no dia 15 de outubro de 1890. [...] Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade [...] Álvaro de Campos é alto 1,75m de altura), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara raspada todos – [...] Campos entre branco e moreno, tipo judeu português, cabelo porém, liso e normalmente apertado ao lado, monóculo [...] Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. [...] Como escrevo em nome de Campos? Quando sinto um súbito impulso para escrever não sei o quê. [...] (PESSOA apud NESTOR, 2011, p.12)

Como dissemos, os poemas de Campos são divididos em fases, mais precisamente três. A primeira delas foi denominada decadentismo, um momento em que o eu-lírico nos revela o tédio de sua vida e busca consolo nas drogas, tais como o ópio, a droga do século. Desta maneira, surge o único poema da primeira fase do heterônimo, “Opiário”, o nome remete à

droga que acabamos de mencionar. Inércia e tédio são, com efeito, as constantes de sua personalidade desde a fase do “Opiário”, menciona Coelho (1977).

É na fase decadentista que Álvaro de Campos demonstra a profundidade do cansaço que estava sentindo. Devemos classificar esse cansaço de existencial, não podendo ser físico por não trabalhar. Diante das crises de existência, o eu-lírico se dedica a uma nova fase, o futurismo/sensacionismo esta seria o momento de se encontrar com o resto do mundo.

A segunda fase é marcada por elogios à indústria. É neste momento que Álvaro de Campos deixa aflorar sua profissão de engenheiro, mostrando a máquina, a velocidade e seus poemas parecem não ter freio. A velocidade vem acompanhada da intensidade, com um único objetivo: buscar novas sensações. Por isso esta fase é conhecida por futurismo/sensacionismo que segundo Teles (2005, p.86): “o futurismo exaltou a vida moderna, procurou estabelecer o culto da máquina e da velocidade”.

Por ser uma fase com extrema intensidade e velocidade, notaremos que o eu-lírico sente a necessidade de mudanças e parece estar se libertando de tudo o que lhe faz mal. É neste momento que o eu-lírico, movido pela velocidade da modernidade, comete escândalos e transborda excessos. “Ode Marítima” e “Ode Triunfal” são dois dos poemas de maior destaque desta fase. Para este trabalho faremos a análise de “Ode Triunfal”, publicado primeiramente na primeira edição da revista “Orpheu” (1915):

Orpheu 1, além de poemas simbolistas, como os de Ronald de Carvalho, publicava alguns poemas de feição futurista [...] principalmente, a ‘Ode Triunfal’, de Fernando Pessoa, melhor dizendo, de Álvaro de Campos [...] se faz aí apologia das máquinas e do automóvel, tal como havia feito Marinetti no seu manifesto futurista. (TELES, 2005, p. 220)

No poema “Ode Triunfal”, perceberemos tratar-se de um momento em que o eu-lírico demonstra estar nervoso e tem atitudes escandalosas. O eu-lírico mostra-se pertencente ao mundo do progresso, porém absorvia tanto os acontecimentos que a modernidade chegava a lhe fazer mal.

Na terceira fase, que recebe o nome de intimismo, estamos diante de um eu-lírico dono de uma vida sem realizações, tornando-se um ser humano depressivo. Nesta fase o eu-lírico já está voltado a reflexões acerca da vida que poderia ter tido, certas vezes sentindo saudades da infância. Neste ponto podemos ligar o eu-lírico presente neste heterônimo ao eu-lírico de Fernando Pessoa ortônimo, uma vez que ambos evocam a infância.

Isto nos revela um eu-lírico com uma vida fadada ao fracasso, uma vez que todas as aspirações a uma vida melhor não se concretizaram. Apesar destas três tentativas de mudança,
Revista Letras Fafibe, Bebedouro-SP, 4 (1), 2014.

o eu-lírico termina a poesia da mesma forma como começou: em decadência, em estado de deterioração. Escolhemos o poema “Tabacaria” para representar a vida sem realizações e fracassada do eu-lírico.

Após esta apresentação, mostraremos de forma separada as três fases de Álvaro de Campos, fazendo a análise dos poemas que escolhemos anteriormente.

3 Análise dos Poemas: Decadentismo – “Opiário”

Começaremos as análises pela fase decadentista do heterônimo com o poema “Opiário” que foi publicado na primeira edição da revista *Orpheu* (1915) de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. O poema foi escrito por Álvaro de Campos no momento em que fazia uma viagem ao Oriente e foi dedicado a Mário de Sá-Carneiro. Podemos perceber essa questão da dedicatória pela ambiência que é formada no poema, uma atmosfera de muito pessimismo e morbidez. Compartilhamos o pensamento presente no livro de Jacinto do Prado Coelho (1977), quando este afirma que:

O ‘Opiário’, com efeito, é um poema decadente. Pessoa escreve-o de propósito para o n.º 1 do *Orpheu* em fevereiro ou março de 1915 e datou-o de março de 1913 para documentar, mistificando, uma primeira fase de Campos [...] Campos tê-lo-ia concebido no decurso de uma viagem ao Oriente. Dedicando, *por cause*, ‘ao Senhor Mário de Sá-Carneiro’, imita-lhe desde a nostalgia de além, a embriaguez do ópio e dos sonhos de um Oriente que não há, o horror à vida, o realismo satírico de certas notações, até ao vocabulário entre precioso e vulgar, às imagens, aos símbolos, ao estilo confessional brusco, amimado e divagativo, ao ritmo dos decassílabos agrupados em quadras [...]. (COELHO, 1977, p. 67)

Nos perguntamos até em que ponto o poeta tem o distanciamento com os seus poemas, uma vez que ao lermos o poema identificamos que a história da vida deste poeta, Álvaro de Campos, foi colocada no poema, percebemos que em raros momentos isso acontece, mas não podemos deixar de evidenciar este fato. Ao criar este heterônimo, Fernando Pessoa disse que Álvaro de Campos estudou engenharia na Escócia e com essa informação percebemos que o mesmo acontece com o eu-lírico de “Opiário” (PESSOA, 1970, p.133): “Eu fingi que estudei engenharia/ Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda./ Meu coração é uma avòzinha que anda/ Pedindo esmola às portas da Alegria”.

Percebemos a presença da palavra fingir, que o próprio ortônimo já trabalhou diversas vezes ao falar sobre a sua criação poética, ou seja, a vida criada para cada heterônimo é uma mentira.

Neste poema percebemos que o eu-lírico já se mostrava descontente com a vida que levava e afirma que é antes do ópio que sua crise existencial começa: “É antes do ópio que a minh'alma é doente”. Este eu-lírico é o retrato do homem moderno, que não consegue

enfrentar os problemas da vida moderna e busca o consolo em drogas: “E eu vou buscar ao ópio que consola”.

Durante todo o poema o eu-lírico demonstra o desconforto com a vida que leva. Dizemos leva, pois é uma vida que não é vivida. Os únicos sentimentos demonstrados ao longo do poema são negativos e absorvidos com tamanha intensidade que levam o eu-lírico ao estado de depressão: “Perdi os dias que já aproveitara./ Trabalhei para ter só o cansaço/ Que é hoje em mim uma espécie de braço/ que ao meu pescoço me sufoca e ampara.”

O problema maior está no mundo interior do eu-lírico, que apesar de estar em contato com várias pessoas, nada muda, o tédio continua instalado. “A vida a bordo é uma coisa triste,/ Embora a gente se divirta às vezes./ Falo com alemães, suecos e ingleses/ E a minha mágoa de viver persiste”.

O eu-lírico deixa transparecer que sua vida está estagnada, apesar de estar sempre viajando, vendo novas pessoas: “E eu vou buscar ao ópio que consola/ Um Oriente ao oriente do Oriente/ [...] Enoja-me o Oriente. É uma esteira/ Que a gente enrola e deixa de ser bela”. Então é notável que o eu-lírico não consegue se adaptar a vida que lhe foi dada, é como se sua alma não coubesse no corpo que ele tem.

Com medo que sua vida passe despercebidamente pelos outros, o eu-lírico ameaça fazer um escândalo para que os outros vejam que ele existe: “Um dia faço escândalo cá a bordo,/ Só para dar que falar de mim aos mais./ Não posso com a vida, e acho fatais/ As iras com que às vezes me debordo”.

O ópio é uma droga cultivada em países como China e Índia. Esta droga era utilizada como remédio para deixar as pessoas sedadas. Percebemos que o eu-lírico cita estes dois países e mostra-se arrependido de ter passado por estes lugares. Não podemos dizer que ele tenha viajado fisicamente e, sim, o ópio o levou mentalmente para os lugares que o eu-lírico achava perfeitos, uma terra onde seus problemas deixariam de existir, mas na realidade esta viagem o levou para o mesmo lugar, para a vida que não é vivida, para a mesmice de sempre: “Eu acho que não vale a pena ter/ Ido ao Oriente e visto a Índia e a China./ A terra é semelhante e pequenina/ E há só uma maneira de viver”. Quando falamos em uma vida não vivida pelo eu-lírico podemos citar este verso “Levo o dia a fumar, a beber coisas,/ [...] Nunca fiz mais do que fumar a vida” notamos que ele fica sobre o efeito do ópio, fato que não o deixa viver a realidade, a vida como ela realmente acontece.

Em decorrência de toda falta de perspectiva e muito desânimo, o eu-lírico não espera nada, a não ser a morte: “Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,/ Até virem meter-me no caixão”.

Apesar de toda ambiência pessimista e melancólica criada pelo eu-lírico, a vontade de mudança aparece no final deste poema, o eu-lírico faz pedidos a Deus para que o liberte do sofrimento que está vivendo: “E afinal o que quero é fé, é calma,/ E não ter estas sensações confusas. / Deus que acabe com isto! Abra as eclusas —/ E basta de comédias na minh'alma!”. O que parece deixá-lo no mesmo lugar que está é o cansaço adquirido durante a vida.

Neste enjoo de uma vida que apenas passa, podemos identificar que a estagnação está presente não só em sua vida, mas também, na estrutura do poema que se dá por meio de estrofes cada uma com quatro versos decassílabos exceto o último verso da segunda estrofe que possui nove sílabas poéticas, que acreditamos demonstrar a não adaptação de sua situação: “já não encontro a mola pra adaptar-me” então neste momento encontramos uma irregularidade intencional.

A técnica do *enjambement* que consiste em continuar uma ideia de um verso para o outro verso também está presente, pois de uma forma intencional o eu-lírico consegue manter a métrica, como podemos perceber nestes versos: “Caio no ópio por forca. Lá quer/ Que eu leve a limpo uma vida destas/ Não se pode exigir. Almas honestas/ Com horas pra dormir e pra comer.”.

Os de versos também possuem rimas opostas e pobres: “Escrevo estas linhas. Parece impossível/ Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!/ O fato é que esta vida é uma quinta!/ Onde se aborrece uma alma sensível” (grifos nossos). Podemos concluir que o estado emocional do eu-lírico transparece em seus versos por conta da instabilidade, deixando para o leitor a tarefa de interpretar o que ele quis dizer: “Sentir, sinta quem lê!”.

3.1 Futurismo/ Sensacionismo – “Ode Triunfal”

Faremos a análise do poema “Ode Triunfal” pertencente à segunda fase de Álvaro de Campos, fase que recebeu o nome de futurismo/ sensacionismo.

Terminamos a análise do poema “Opiário” com a conclusão de que o eu-lírico precisa de mudanças para que possa sair de uma vida repleta de tédio.

No futurismo o eu-lírico se entrega às sensações da vida, de uma vida repleta de velocidade com a chegada da máquina, da modernidade. Em seus poemas desta fase temos

elogios à indústria e a civilização, o eu-lírico busca novas sensações neste período, a fim de trazer mudanças mentais e que ele possa se encontrar na vida que lhe foi dada.

Estamos diante de um momento em que o eu-lírico está disposto a sentir tudo de todas as maneiras. A velocidade provocada pela modernidade fará com que o eu-lírico cometa vários excessos, e, por isso, perceberemos uma poesia repleta de escândalos resultando em histeria.

A crítica literária aponta que nesta parte das suas produções, Álvaro de Campos é influenciado por Walt Whitman (1819-1892), poeta americano, e Marinetti (1876-1944), poeta italiano e precursor da vanguarda europeia futurista:

[...] Mas o grande precursor de uns e de outros, como tal reconhecido por Marinetti, é Whitman [...] Será também Whitman o grande inspirador do Álvaro de Campos da segunda fase, aquele que realiza a intenção inicial de Pessoa: criar um poeta da vertigem das sensações modernas, da volúpia da imaginação, da energia explosiva. (COELHO, 1977, p.69)

Após a informação de que nesta fase Whitman e Marinetti influenciam Campos começaremos a análise do poema pelo título, “Ode Triunfal”. Sabemos que Ode é um gênero lírico da literatura que significa canto, o tema retratado é sempre algo sublime. Neste poema será retratado o canto da modernidade, isto é, o canto de exaltação à modernidade por meio das máquinas e da civilização.

No início do poema temos um eu-lírico que demonstra estar com febre diante de toda a modernidade, mas mesmo doente exalta o que lhe está fazendo mal: “À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica/ Tenho febre e escrevo./ Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,/ Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos” (PESSOA, 1970, p.142).

As transformações industriais estão acontecendo, mas o eu-lírico parece também estar sofrendo modificações em seu interior, a velocidade está retirando todo o sofrimento que lhe atingia: “Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!/ Em fúria fora e dentro de mim,/ Por todos os meus nervos dissecados fora,/ Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!”.

Em meio as transformações o sujeito está em crise e procura a sua identidade entre as máquinas e a modernidade: “Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro./ Porque o presente é todo o passado e todo o futuro/ E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas/ Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,/ E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinqüenta, / Átomos que hão-de ir ter febre
Revista Letras Fafibe, Bebedouro-SP, 4 (1), 2014.

para o cérebro do Ésquilo do século cem,/Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,/ Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,/ Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma”.

Devido a tantas sensações diante das máquinas e se sentindo perdido nesta nova vida que demonstra uma velocidade sem freios, o eu-lírico começa a gritar: “Eia! eia! eia!/ Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!/ Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!/ Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!/ Eia todo o passado dentro do presente!/ Eia todo o futuro já dentro de nós! eia! /Eia! eia! eia!/ Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!/ Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!/ [...] Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!/ Hé-la! He-hô! Ho-o-o-o-o!/ Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!”

Neste momento fica evidente a histeria, com gritos que mais se parecem com ataques de nervos femininos cometidos pelo eu-lírico de Álvaro de Campos. Esta questão dos momentos histéricos presentes nos poemas de Álvaro de Campos também já foi discutida por Simões (1980, p. 300), como podemos observar nesta citação:

Ode Triunfal e a Ode Marítima –, se em verdade podem ser considerados ‘ataques histéricos’ ou ‘cousa parecida’, como queria Fernando Pessoa, considera-los como um histérico, podia prestar-se a ‘simular’ ataques, coisa, afinal, comum entre os histéricos – ou, melhor, entre as histéricas... Sim, Fernando Pessoa defendia-se de ser capaz de mostrar histeria feminina – verdadeiros ataques que alarmassem a vizinhança –, persuadindo-nos de que ‘nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais – tudo acabando, assim, ‘em silêncio e poesia’, mas a verdade é que nos primeiros poemas de Álvaro de Campos há muito mais ruído e literatura que ‘silêncio e poesia’

Ainda utilizando o último trecho do poema “Ode Triunfal”, percebemos que a teatralidade também está presente através destes exageros cometidos pelo eu-lírico: “Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!”.

O eu-lírico apresenta traços de erotismo perante a máquina, demonstrando toda necessidade que sente pela modernidade de uma forma desmedida:

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,
 ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —
 Na minha mente turbulenta e encandescida
 Possuo-vos como a uma mulher bela,
 Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,
 Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

O Futurismo, Cubismo, são algumas vanguardas que surgiram na Europa e foram as responsáveis pela ruptura da estética estabelecida anteriormente a sua criações estão presentes neste poema de Álvaro de Campos.

Podemos mencionar primeiramente o Futurismo que demonstra a velocidade e exalta a modernidade e no poema “Ode Triunfal”, podemos perceber o apreço demonstrado pelo eu-lírico quando se refere à máquina.

O Cubismo, vanguarda que ganhou força através de um francês, Guillaume Appolinaire (1880-1918), tem como característica na literatura excluir toda a preocupação com a forma, assim as rimas, as estrofes e a pontuação ficam para segundo plano.

Sabendo destas características, podemos notar que tanto as características do Futurismo quanto as do Cubismo, estão realmente presentes no poema, pois, devido ao eu-lírico estar diante de transformações dentro e fora de si, percebemos que seus versos apresentar estar dispostos de forma irregular, da mesma maneira que o eu-lírico está se sentindo. Em vários momentos percebemos versos extensos, já em outros, os versos são extremamente curtos.

É possível afirmar que o conteúdo, neste caso, o sentimento de transformação e tentativa de se encontrar neste mundo que está sendo descoberto, influencia a forma, que são os versos do poema que não tem uma forma definida, assim como este eu-lírico que ainda não conseguiu se aptar ao mundo.

Eia! eia! eia!
 Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!
 Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
 Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
 Eia todo o passado dentro do presente!
 Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
 Eia! eia! eia!
 Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
 Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!
 Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
 Engatam-me em todos os comboios.
 Içam-me em todos os cais.
 Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!
Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Encontramos a vanguarda que surge também na Europa no período da Primeira Guerra Mundial, o Dadaísmo, cujo maior objetivo era dar fim ao pensamento capitalista acabando com o estilo seguido pela burguesia. Na literatura em geral, este estilo, costuma aparecer com agressividade no uso das palavras, desta maneira, o eu-lírico aparece exaltado:

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;
Membros evidentes de clubes aristocráticos;
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
Presença demasiadamente acentuada das cocotes
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente
Que andam na rua com um fim qualquer;
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
E afinal tem alma lá dentro!

Em “Ode Triunfal” podemos notar um eu-lírico reflexivo por repensar na sua vida diante da modernidade e irônico ao falar sobre a burguesia: “Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)/ Das burguesinhas, mãe e filha geralmente/ Que andam na rua com um fim qualquer;”. No primeiro momento ele trabalha com a audição “Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!”. Em outros momentos o tato também é trabalhado com a figura das mãos por meio de carícias: “Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo”. O olfato também é trabalhado por meio da figura do perfume: “A todos os perfumes de óleos”.

É possível encontrarmos aliterações em r, g, e da letra d e assonâncias da letra o: “Rugindo, rangendo”. Os efeitos destas aliterações servem para nos mostrar a velocidade da máquina, da vida moderna, isso faz com que o leitor seja incluído no poema e na ideia de modernidade no momento em que lê. A sonoridade contribui para a sensibilização do leitor em relação ao tema, às vezes pode também acelerar o ritmo do poema, reiterando a ideia de velocidade.

A figura de repetição no início dos versos, anáfora, também foi utilizada como percebemos nos seguintes versos: “Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!/ Eh-lá-hô elevadores
Revista Letras Fafibe, Bebedouro-SP, 4 (1), 2014.

dos grandes edifícios!/ Eh-lá-hô recomposições ministeriais!”, “Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,/ Como eu vos amo de todas as maneiras”, “O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,/ O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,/ O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes”.

A antítese, figura que representa termos contraditórios, está presente no poema quando lemos o seguinte verso: “Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?”. O eu-lírico demonstra uma confusão perante o sentimento que tem da civilização. Também notamos a antítese no momento em que o tempo da vida do eu-lírico é exposto: “Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!”.

Para finalizar esta análise, devemos destacar que o eu-lírico se mostra completamente diferente do que o encontramos na fase anterior. Percebemos um sujeito disposto a se entregar ao mundo em que está vivendo, “sente tudo de todas as maneiras”, como o próprio Fernando Pessoa o classifica. Chega a sentir tanto que a chega a sentir-se mal.

Mesmo com o culto à modernidade parece que o eu-lírico ainda não conseguiu se encontrar, ainda demonstra não estar satisfeito com todas as sensações que está vivendo e assim mergulha em todo o pessimismo que lhe tomava conta na fase anterior. Neste momento sua poesia passa para a terceira e última fase, o intimismo.

3.2 Intimismo – “Tabacaria”

Vimos que na primeira fase denominada decadentismo o eu-lírico aparenta estar cansado da vida que tem. O cansaço fez com que de fato ele não vivesse e apenas passasse os dias de sua vida. Temos então nesta fase um sujeito em decadência.

A segunda fase, o futurismo/sensacionismo, foi um período em que o eu-lírico tentou de todas as formas mudar os sentimentos que tinha da vida. Mesmo se entregando a novas sensações e ao mundo moderno, nada mudou, e somente o tédio persistiu.

Neste momento falaremos sobre a última fase deste complexo heterônimo, a fase intimista. Percebemos que é um momento de retrospectiva a cerca da vida do eu-lírico que demonstrou estar em crise desde as fases anteriores.

Para retratarmos este período usaremos o poema “Tabacaria” em que o eu-lírico fará uma retrospectiva de sua vida nos mostrando que viveu uma vida de mentiras, de aparências, enganando a si mesmo.

No início do poema é possível ver um sujeito descontente e complexo. Primeiramente mostra-se certo de que sua vida nunca aconteceu e nunca acontecerá, porém em seguida demonstra esperança de mudança através da palavra sonhos que também é a única coisa que o eu-lírico tem mais próximo de concreto na vida: “Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.” (PESSOA, 1970, p.250)

Adiante temos a metáfora da vida interior do eu-lírico que é representada pelo quarto. O eu-lírico demonstra seu ponto de vista através de uma janela do seu quarto fica de frente a rua, ou seja, são revelados o lado interior e o lado exterior, como encontramos nos versos:

“Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?)
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,”

O eu-lírico também faz uma reflexão para que ele possa retornar ao passado para retratar o presente: “Fiz de mim o que não soube/ E o que podia fazer de mim não o fiz”. Temos também a revelação de que este eu-lírico revela que tudo o que fez da sua vida foi um erro chegando ao ponto de vestir uma máscara para esconder quem realmente era. Desta maneira as pessoas que viviam ao seu redor foram enganadas sem conhecê-lo de verdade, só conheciam suas mentiras. Quando ele tenta tirar esta máscara já é tarde, o tempo já passou, chegando ao ponto de não se reconhecer:

O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

O eu-lírico cria uma distância entre o mundo real e o seu mundo particular citando fatos históricos e filosóficos: “Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez./ Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,/ Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu./ Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,/ Ainda que não more nela;”

Percebemos que o eu-lírico parece se conformar com o fracasso que sempre tomou conta de sua vida, desde o momento da decadência que se inicializou na primeira fase:

Serei sempre o que não nasceu para isso;
 Serei sempre só o que tinha qualidades;
 Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,
 E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
 E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
 Crer em mim? Não, nem em nada.

Encontramos uma crítica a respeito das religiões. O eu-lírico diz que as religiões não fazem nada além de iludir as pessoas: “Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria”.

O chocolate também aparece neste poema retratando a vida desse eu-lírico. Temos uma criança comendo chocolate e o eu-lírico vê esta criança e faz uma reflexão deste momento demonstrando toda a pureza de uma criança que ainda não foi contaminada pelo mundo moderno e sofre suas consequências. Ele demonstra já conhecer todas as verdades sobre a vida, provavelmente no momento que foi desembulhar o chocolate revestido por prata, descobre na verdade o estanho, ou seja, a realidade, e o chocolate, a vida perdem toda a sua doçura:

(Come chocolates, pequena;
 Come chocolates!
 Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
 Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
 Come, pequena suja, come!
 Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
 Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
 Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Para concluir nosso pensamento, podemos destacar que em todas as fases o eu-lírico buscou explicações para a vida. Neste poema um homem entra em uma tabacaria e ao sair é reconhecido pelo o eu-lírico que o denomina Esteves e também temos as palavras sem

metafísica. Sabemos que a metafísica busca explicações para tudo. Este homem pode estar sem a metafísica, ou seja, sem a explicação para a vida por estar fora de si e ter fumado, não sabemos qual substância. O eu-lírico se enxerga neste homem, já que esteve todo o momento sobre o efeito das drogas e também sozinho e buscando explicações para sua vida sem conseguir encontrar. Toda a sua vida foi dedicada realmente às drogas e ele termina sem esperança, apenas com um sorriso de quem o observava de fora, com outro olhar:

Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
 O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
 Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.
 (O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
 Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

No primeiro momento nos chama atenção a repetição de palavras no início dos versos, que denominamos anáfora, o efeito provocado por essas repetições nos mostram todo o cansaço e tédio que toma conta do eu-lírico:

Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a por umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,

[...]

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo

[...]

Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
 Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
 Ainda que não more nela;
Serei sempre o que não nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,

[...]

(Come chocolates, pequena;

Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.

Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.

(Tu que consolas, que não existes e por isso consolas,

Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,

Ou patriciana romana, impossivelmente nobre e nefasta,

Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,

Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,

Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,

Ou não sei quê moderno - não concebo bem o quê -

Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!

Meu coração é um balde despejado.

Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco

A mim mesmo e não encontro nada.

Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.

Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,

Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,

Vejo os cães que também existem,

E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,

E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

[...]

Sempre uma coisa defronte da outra,

Sempre uma coisa tão inútil como a outra,

Sempre o impossível tão estúpido como o real,

Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,

Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra

(grifos nossos)

As assonâncias que são as repetições de sons vocálicos e aliterações, repetição de sons consonantais também foram encontradas e nos dão a ideia de cansaço, algo que se arrasta, assim como a vida do eu-lírico: “cocote célebre”, temos assonância na repetição da letra *o* e também *e*. A aliteração fica por conta da letra *c*. O mesmo acontece com as letras *m, r, e* e *i*: “morrerá e eu morrerei”.

O poema possui versos irregulares demonstrando ainda o sujeito que encontra derrotado e isso aparece através da figura de estilo da gradação: “Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada./ À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

As rimas como em grande parte dos poemas modernos não estão presentes neste poema, pois, o que se deseja realmente mostrar nos poemas modernos são as repetição de ideias com o fim de criar uma circularidade, um sujeito que não consegue mudanças, mesmo

que tente mudanças retoma ao mesmo local, se tivéssemos rimas poderíamos perceber uma dinâmica no poema, diferentemente do que o eu-lírico tenta nos transmitir.

Acabamos de mencionar a circularidade presente no poema, mas também não podemos deixar de lembrar que começamos as análises com o sujeito lírico em depressão, decepcionado com a vida que tinha a que desejava ter, ele buscou mudanças até em símbolos da modernidade não obtendo êxito e agora termina da mesma maneira que começou em depressão, mas de certa forma conformado de que sua vida realmente foi fadada ao fracasso e seus dois primeiros versos de “Tabacaria” são certos e resumem suas três fases: “Não sou nada./Nunca serei nada”

3.3 A influência de Whitman na poesia de Campos

Neste tópico faremos um breve levantamento das referências retiradas da poética de Walt Whitman por Álvaro de Campos. Walt Whitman foi um poeta americano classificado como pré-modernista na Literatura Norte Americana. No ano de 1855 publicou seu único livro, *Leaves of Grass*, uma coletânea de poemas que ganhou várias edições com novos poemas. Sua última edição é conhecida como *Leaves of Grass – deathbed edition* (1891-1892). Whitman é chamado de precursor do modernismo por ser o introdutor do verso livre e proporcionar a poesia para todas as classes sociais nos Estados Unidos. A partir dele, vários poetas seguiram seu estilo.

Poeta urbano, Walt Whitman escreveu sobre os sons, sinais e a energia das novas metrópoles. É neste ponto que podemos perceber o futurismo presente em seus poemas e traçar semelhanças com Álvaro de Campos. Segundo Jacinto do Prado Coelho (1977), Álvaro de Campos conhece o futurismo e Walt Whitman e ambos se refletem em sua poesia:

Após a descoberta do futurismo e de Whitman, Campos adotou, além do verso livre, já usado pelo seu outro mestre Caeiro, um estilo esfuziante, torrencial, espriado em longos versos de duas ou três linhas, anafórico, exclamativo, interjetivo, monótono pela simplicidade dos processos, pela reiteração de apóstrofes enumeração de páginas e páginas, mas vivificado pela fantasia verbal perdulária, inexaurível.

Neste estilo vagabundo, vertiginoso, cantou ele ora a hipertrofia de uma personalidade viril que tudo integra em si e não representa limites [...] Mas o que distingue Campos, mais que a euforia, é a raiva, o prazer sádico de imaginar cenas de piratas e naufrágios, violentas, *contra natura*, a explosão de histerismo mental, “virado para dentro”, que não dura muito.

Revista Letras Fafibe, Bebedouro-SP, 4 (1), 2014.

Na verdade, só lutando consigo próprio, por um esforço de imaginação, foi Álvaro de Campos o cantor whitmaniano, delirante, da Energia e do Progresso. (COELHO, 1977, p. 71-2)

Começaremos a discorrer a partir do poema “Saudação a Walt Whitman” em que Álvaro de Campos exalta com vários elogios o poeta americano. Talvez esse poema seja um canto para Whitman assim como ele mesmo fez em “Song of Myself” (Whitman, s.d., p. 22), que na tradução para a Língua Portuguesa significa “Canto de Mim mesmo”.

No início do poema “Saudação a Walt Whitman” (PESSOA, 1970, p. 202) podemos perceber as demonstrações de afeto que Campos faz:

De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
 Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
 Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
 Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...
 Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de **tédio,**
 Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e **amo-te,**
 E embora te não conhecesse, **nascido** pelo ano em que morrias,
 Sei que me amaste também, que me conheceste, e estou contente.
 [...]
 Quantas vezes eu **beijo o teu retrato!**
 Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)
 Sentes isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais quentes (em gente)
 E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de lá —,
 Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito

Há algumas palavras que também remetem à poética de Whitman. A palavra Universo, por exemplo, é um dos temas utilizados por Walt Whitman que trabalha com o cosmos, toda a totalidade do universo. Assim como a modernidade, a máquina também é retratada.

Tanto o eu-lírico de Campos quanto o de Whitman passaram grande parte de suas produções poéticas em busca de sensações, ou seja, em busca de sentir o mundo de todas as maneiras. Podemos dizer que nesta questão Campos supera Whitman por sentir tudo com uma elevada carga emocional, chegando a momentos de histeria, como no poema “Ode Triunfal”, em que o eu-lírico se exalta e promove uma enorme gritaria. Neste poema podemos ver o eu-lírico de Campos demonstrando essa afinidade:

E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos dadas,
 De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na alma.
 [...]

Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!
 Pertenco à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,
 Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em meus sonhos,
 Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vê-me ao contrário:
 De dentro para fora... Meu corpo é o que adivinhas, vê a minha alma —
 Essa vê tu propriamente e através dos olhos dela o meu corpo —
 Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro,
 Poeta sensacionista,

Assim como Whitman, o poeta democrático cantou em suas poesias, Álvaro de Campos também utiliza o pronome indefinido *tudo* que é usado em seu poema “Saudação a Walt Whitman” para demonstrar a totalidade do universo, para representar realmente todos e todas as coisas:

Cantor da fraternidade feroz e terna com **tudo**,
 Grande democrata epidérmico, contágio a **tudo** em corpo e alma,
 Carnaval de todas as ações, bacanal de **todos** os propósitos,
 Irmão gêmeo de **todos** os arrancos,
 Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura! incubo de **todos** os gestos
 Espasmo pra dentro de **todos** os objetos-força,
 Souteneur de **tudo** o Universo,
 Rameira de **todos** os sistemas solares...
 (grifos nossos)

Walt Whitman já usava a partícula *tudo/ all* para se expressar. Podemos notar neste exemplo: “These are really the thoughts of **all** men in **all** ages and lands, they are not original with me”.

Campos também faz uma intertextualidade explícita com o poema “Song of Myself” como pudemos notar nos seguintes versos em “Saudação a Walt Whitman”: “Não quero fechos nas portas! / Não quero fechaduras nos cofres!”.

Dissemos intertextualidade porque muito antes Whitman já tinha dito isto: “Unscrew the locks from the doors! / Unscrew the doors themselves from their jambs!”.

Anteriormente explicamos que Campos vai além do que Whitman diz e neste mesmo poema podemos perceber que além das portas, Campos quer também todas as janelas abertas e que as portas sejam não só destravadas, mas sim arrancadas. Na poesia do heterônimo e do poeta americano com essas palavras eles buscam a liberdade, como completa Campos:

Abram-me todas as janelas!
 Arranquem-me todas as portas!
 Puxem a casa toda para cima de mim!

Quero viver em liberdade no ar,
 Quero ter gestos fora do meu corpo,
 Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
 Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
 Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos mares,
 Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!

No tópico anterior demonstramos que Campos trabalha em seus poemas com muitas anáforas e nos poemas “Saudação a Walt Whitman” e “Song of Myself” encontramos várias anáforas, mais uma semelhança que Campos absorve.

Primeiramente veremos um exemplo no poema do heterônimo:

Quero viver em liberdade no ar,
Quero ter gestos fora do meu corpo,
Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos mares,
 Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!

Não quero fechados nas portas!
Não quero fechaduras nos cofres!
Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença doída de qualquer outro,
Que me despejem dos caixotes,
Que me atirem aos mares,
Que me vão buscar a casa com fins obscenos,
Só para não estar sempre aqui sentado e quieto,
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!
Não quero intervalos no mundo!

(grifos nossos)

Este foi apenas um exemplo encontrado no poema de Campos diante de vários. Agora demonstraremos este recurso utilizado por Whitman anteriormente a Campos:

And to those whose war-vessels sank in the sea!
And to those themselves who sank in the sea!
And to all generals that lost engagements, and all overcome heroes!
And the numberless unknown heroes equal to the greatest heroes known!

19

This is the meal equally set, this the meat for natural hunger,
 It is for the wicked just same as the righteous, I make appointments
 with all,

I will not have a single person slighted or left away,
The kept-woman, sponger, thief, are hereby invited,
The heavy-lipp'd slave is invited, the venerealee is invited;
 There shall be no difference between them and the rest.

This is the press of a bashful hand, this the float and odor of hair,
This the touch of my lips to yours, this the murmur of yearning,
 This the far-off depth and height reflecting my own face,
This the thoughtful merge of myself, and the outlet again.

[...]

I know I am deathless,
I know this orbit of mine cannot be swept by a carpenter's compass,
I know I shall not pass like a child's carlacue cut with a burnt
 stick at night.
I know I am august,

(grifos nossos)

Para finalizar nosso pensamento sobre o poema “Saudação a Walt Whitman” devemos lembrar que Whitman foi o precursor do verso livre e essa forma foi utilizada por Campos não só neste poema, mas também em outros. São versos irregulares e sem a preocupação com rimas, o que realmente está em questão é o sentimento do eu-lírico.

Trataremos de forma breve antes de finalizar nosso trabalho sobre em quais momentos podemos encontrar a influência de Whitman no poema “Ode Triunfal”, no qual nos aprofundamos anteriormente.

Tanto o poema “Ode Triunfal”, quanto o poema “Song of Myself”, apresentam o uso de vários pontos de exclamação que nos dão a sensação de que o eu-lírico sente todos seus pensamentos com intensidade, no poema de Campos podemos notar:

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
 Ser completo como uma máquina!
 Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
 Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
 Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
 A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
 Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!

E no poema de Witman também:

Vivas to those who have fail'd!
And to those whose war-vessels sank in the sea!
And to those themselves who sank in the sea!
And to all generals that lost engagements, and all overcome heroes!
And the numberless unknown heroes equal to the greatest heroes known!

O verso livre, por meio dos versos irregulares, também foi utilizado por Whitman durante a transição para o Modernismo, é de certo modo que os temas como a vida e o universo, surgem para o poeta.

Para finalizar devemos dizer que Álvaro de Campos em sua segunda fase, o futurismo, se espelhou na poesia de Whitman, tanto em tema quanto na disposição dos versos, chegando a dedicar o poema “Saudação a Walt Whitman” ao homem que lhe serviu como exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Álvaro de Campos é sem dúvidas o heterônimo mais complexo criado por Fernando Pessoa, uma vez que suas produções foram divididas em três fases devido ao descontentamento permanente do eu-lírico que busca novas sensações do início ao fim das fases, porém, não obtém sucesso em nenhuma fase. Nenhum dos outros heterônimos que neste trabalho foram apresentados teve suas produções divididas.

Diante das três fases de Álvaro de Campos notamos que cada uma delas nos mostra o eu-lírico buscando se encontrar assim como grande parte dos seres humanos buscam, deste modo, o eu-lírico buscava a felicidade, porém até o fim não consegue encontrá-la.

Desta maneira, cada fase é a continuação da anterior, mas devemos salientar que a vida do eu-lírico de Álvaro de Campos se transforma em algo circular que sempre volta ao mesmo lugar, pois na primeira fase, o decadentismo, vemos um sujeito em crise que busca o consolo nas drogas, mas percebe que precisa de mudanças, então temos a segunda fase, futurismo/sensacionismo, momento em que o eu-lírico busca novas sensações, entregando-se a tudo que há de moderno no momento, as máquinas, a civilização, porém, mesmo vivendo esta fase em que se entrega as sensações da vida moderna, ainda não se sente completo e cai em profunda depressão, o que leva a fazer um balanço de sua vida. Na sua última fase, o intimismo, em vários momentos recorda a infância, mas percebe que sua vida passou, sem ao menos perceber e não há tempo para mudar o seu destino que já na primeira fase foi traçado: a decadência, mais uma vez.

Na segunda fase, o futurismo/ sensacionismo, mostramos a proximidade entre Walt Whitman e Álvaro de Campos, pois como percebemos o poeta americano teve grande importância para Álvaro de Campos, influenciando o heterônimo não só na escrita com os versos assimétricos e longos poemas, mas também com o futurismo e a constante busca por sensações. Percebemos o grau de importância pelo poema “Saudação a Walt Whitman” em que o eu-lírico criado pelo heterônimo idolatra e considera Whitman seu grande exemplo e inspiração, demonstrando sem poupar elogios o amor e respeito que tem.

Também chegamos à conclusão de que Fernando Pessoa cria seus heterônimos buscando o distanciamento entre poeta e obra, pois através dos vários heterônimos que criou, a única coisa que existiu foi a história, a poesia, em outras palavras, podemos afirmar que a

única coisa que realmente existiu foram palavras, apenas palavras. Afinal como o próprio Fernando Pessoa disse: “O poeta é um fingidor”. Álvaro de Campos também como nunca existiu, também fingiu em seus poemas as dores que jamais sentiu e os problemas que sequer existiram, assim como os outras mais de 70 heterônimos criados pelo gênio Fernando Pessoa.

REFERÊNCIAS

CARA, Salete de Almeida. **A Poesia Lírica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, Jacinto do Prado. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. São Paulo: Verbo, 1977.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOISÉS, Massaud. **Literatura portuguesa moderna**. São Paulo: Cultrix, 1973.

MOISÉS, Massaud. **literatura portuguesa, A**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. 08.ed. Lisboa: Edições Ática, 1970.

_____. **O eu profundo e os outros Eus**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. **Mensagem: obra poética I**. In: NESTOR, Thiago. **Do mar a cidade: uma viagem pelo espaço presente nos poemas de Álvaro de Campos**. Porto Alegre, 2011.

_____. **Tão cedo passa tudo quanto passa!**. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000005.pdf>> Acesso em 25 Out. 2013.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração**. 04.ed. Lisboa: Bertrand Brasil, 1980.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TUTIKAIN, Jane (Org.). **Poemas de Alberto Caeiro**. Floresta: L&PM Editores, 2006.

WHITMAN, Walt. **Leaves of Grass**. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu001322.pdf>> Acesso em 01 Nov. 2013.

ANEXOS

Anexo A - Poema “Opiário”*Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro*

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há-de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
já não encontro a mola pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos de ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres,
Uma engrenagem com volantes falsos,
Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.

Vou cambaleando através do lavor
Duma vida-interior de renda e laca.
Tenho a impressão de ter em casa a faca
Com que foi degolado o Precursor.

Ando expiando um crime numa mala,
Que um avô meu cometeu por requinte.
Tenho os nervos na forca, vinte a vinte,
E caí no ópio como numa vala.

Ao toque adormecido da morfina
Perco-me em transparências latejantes
E numa noite cheia de brilhantes,
Ergue-se a lua como a minha Sina.

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora
Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, cânfora na aurora.

Perdi os dias que já aproveitara.
Trabalhei para ter só o cansaço
Que é hoje em mim uma espécie de braço
Que ao meu pescoço me sufoca e ampara.

E fui criança como toda a gente.
Nasci numa província portuguesa
E tenho conhecido gente inglesa
Que diz que eu sei inglês perfeitamente.

Gostava de ter poemas e novelas
Publicados por Plon e no Mercure,
Mas é impossível que esta vida dure.
Se nesta viagem nem houve procelas!

A vida a bordo é uma coisa triste,
Embora a gente se divirta às vezes.
Falo com alemães, suecos e ingleses
E a minha mágoa de viver persiste.

Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.

Por isso eu tomo ópio. É um remédio
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,
Muito a leste não fosse o oeste já!
Pra que fui visitar a Índia que há
Se não há Índia senão a alma em mim?

Sou desgraçado por meu morgadio.
Os ciganos roubaram minha Sorte.
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte
Um lugar que me abrigue do meu frio.

Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avòzinha que anda
Pedindo esmola às portas da Alegria.

Não chegues a Port-Said, navio de ferro!
Volta à direita, nem eu sei para onde.
Passo os dias no smokink-room com o conde -
Um escroc francês, conde de fim de enterro.

Volto à Europa descontente, e em sortes
De vir a ser um poeta sonambólico.
Eu sou monárquico mas não católico
E gostava de ser as coisas fortes.

Gostava de ter crenças e dinheiro,
Ser vária gente insípida que vi.
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,
Num navio qualquer um passageiro.

Não tenho personalidade alguma.
É mais notado que eu esse criado
De bordo que tem um belo modo alçado
De laird escocês há dias em jejum.

Não posso estar em parte alguma.
A minha Pátria é onde não estou.
Sou doente e fraco.
O comissário de bordo é velhaco.
Viu-me co'a sueca... e o resto ele adivinha.

Um dia faço escândalo cá a bordo,
Só para dar que falar de mim aos mais.
Não posso com a vida, e acho fatais
As iras com que às vezes me debordo.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
E eu já tão bêbado sem nada! Dessem
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Escrevo estas linhas. Parece impossível
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!
O fato é que esta vida é uma quinta
Onde se aborrece uma alma sensível.

Os ingleses são feitos pra existir.
Não há gente como esta pra estar feita
Com a Tranqüilidade. A gente deita
Um vintém e sai um deles a sorrir.

Pertenço a um gênero de portugueses
Que depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes.

Leve o diabo a vida e a gente tê-la!
Nem leio o livro à minha cabeceira.
Enoja-me o Oriente. É uma esteira
Que a gente enrola e deixa de ser bela.

Caio no ópio por força. Lá querer
Que eu leve a limpo uma vida destas
Não se pode exigir. Almas honestas
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.
Porque estes nervos são a minha morte.
Não haver um navio que me transporte
Para onde eu nada queira que o não veja!

Ora! Eu cansava-me o mesmo modo.
Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali
Para sonhos que dessem cabo de mim
E pregassem comigo nalgum lodo.

Febre! Se isto que tenho não é febre,
Não sei como é que se tem febre e sente.
O fato essencial é que estou doente.
Está corrida, amigos, esta lebre.

Veio a noite. Tocou já a primeira
Corneta, pra vestir para o jantar.
Vida social por cima! Isso! E marchar
Até que a gente saia pla coleira!

Porque isto acaba mal e há-de haver
(Olá!) sangue e um revólver lá pró fim
Deste desassossego que há em mim
E não há forma de se resolver.

E quem me olhar, há-de-me achar banal,
A mim e à minha vida... Ora! um rapaz...
O meu próprio monóculo me faz
Pertencer a um tipo universal.

Ah quanta alma viverá, que ande metida
Assim como eu na Linha, e como eu mística!
Quantos sob a casaca característica
Não terão como eu o horror à vida?

Se ao menos eu por fora fosse tão
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstrom, cada vez mais pró centro.
Não fazer nada é a minha perdição.

Um inútil. Mas é tão justo sê-lo!
Pudesse a gente desprezar os outros
E, ainda que co'os cotovelos rotos,
Ser herói, doido, amaldiçoado ou belo!

Tenho vontade de levar as mãos
 À boca e morder nelas fundo e a mal.
 Era uma ocupação original
 E distraía os outros, os tais são.

O absurdo, como uma flor da tal Índia
 Que não vim encontrar na Índia, nasce
 No meu cérebro farto de cansar-se.
 A minha vida mude-a Deus ou finde-a ...

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,
 Até virem meter-me no caixão.
 Nasci pra mandarim de condição,
 Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída
 Pra cova por um alçapão de estouro!
 A vida sabe-me a tabaco louro.
 Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,
 E não ter estas sensações confusas.
 Deus que acabe com isto! Abra as eclusas —
 E basta de comédias na minh'alma!

(No Canal de Suez, a bordo)

Anexo B - Poema “Ode Triunfal”

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
 Tenho febre e escrevo.
 Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
 Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
 Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
 Em fúria fora e dentro de mim,
 Por todos os meus nervos dissecados fora,
 Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
 Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
 De vos ouvir demasiadamente de perto,
 E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical -
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promíscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrénuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas
Entre maquinismos e afazeres úteis!
Grandes cidades paradas nos cafés,
Nos cafés - oásis de inutilidades ruidosas
Onde se cristalizam e se precipitam
Os rumores e os gestos do Útil
E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!
Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!
Novos entusiasmos de estatura do Momento!
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,
Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!
Actividade internacional, transatlântica, Canadian-Pacific!
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,
Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,
E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram
Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!
 Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!
 Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;
 Membros evidentes de clubes aristocráticos;
 Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes
 E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete
 De algibeira a algibeira!
 Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
 Presença demasiadamente acentuada das cocotes
 Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
 Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
 Que andam na rua com um fim qualquer;
 A graça feminina e falsa dos pederastas que passam, lentos;
 E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
 E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,
 Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,
 Agressões políticas nas ruas,
 E de vez em quando o cometa dum regicídio
 Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus
 Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,
 Artigos políticos insinceramente sinceros,
 Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes -
 Duas colunas deles passando para a segunda página!
 O cheiro fresco a tinta de tipografia!
 Os cartazes postos há pouco, molhados!
 Vients-de-paraître amarelos como uma cinta branca!
 Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,
 Como eu vos amo de todas as maneiras,
 Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto
 E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)
 E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!
 Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!
 Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
 Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,
 Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
 Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!
 Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
 Olá grandes armazéns com várias secções!
 Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!
 Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!
 Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!
 Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!
 Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
 Amo-vos carnivoramente.
 Pervertidamente e enroscando a minha vista
 Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
 Ó coisas todas modernas,
 Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima
 Do sistema imediato do Universo!
 Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,
 Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes -
 Na minha mente turbulenta e encandescida
 Possuo-vos como a uma mulher bela,
 Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,
 Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
 Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
 Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
 Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,
 Orçamentos falsificados!
 (Um orçamento é tão natural como uma árvore
 E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh-lá o interesse por tudo na vida,
 Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras
 Até à noite ponte misteriosa entre os astros
 E o mar antigo e solene, lavando as costas
 E sendo misericordiosamente o mesmo
 Que era quando Platão era realmente Platão
 Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,
 E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor
 Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.
 Atirem-me para dentro das fornalhas!
 Metam-me debaixo dos comboios!
 Espanquem-me a bordo de navios!
 Masoquismo através de maquinismos!
 Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,
 Morder entre dentes o teu cap de duas cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!
 Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue
Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,
Roçai-vos por mim até ao espasmo!
Hilla! hilla! hilla-hô!
Dai-me gargalhadas em plena cara,
Ó automóveis apinhados de pândegos e de...,
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,
Rio multicolor anónimo e onde eu me posso banhar como quereria!
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas
Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,
Que emprega palavrões como palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos - e eu acho isto belo e amo-o! -
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.
Maravilhosamente gente humana que vive como os cães
Que está abaixo de todos os sistemas morais,
Para quem nenhuma religião foi feita,
Nenhuma arte criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,
Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

(Na nora do quintal da minha casa
O burro anda à roda, anda à roda,
E o mistério do mundo é do tamanho disto.
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.
A luz do sol abafa o silêncio das esferas
E havemos todos de morrer,
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa
Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!
 Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.
 E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos os comboios
 De todas as partes do mundo,
 De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,
 Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das docas.
 Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!
 Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!
 Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
 Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!
 Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
 Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,
 Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,
 A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,
 E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto
 Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,
 Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?
 Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,
 O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,
 O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,
 O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes
 Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,
 Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,
 Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,
 Engenhos brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!
 Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!
 Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
 Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
 Eia todo o passado dentro do presente!
 Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
 Eia! eia! eia!
 Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
 Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!
 Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
 Engatam-me em todos os comboios.
 Içam-me em todos os cais.
 Giro dentro das hélices de todos os navios.
 Eia! eia-hô! eia!
 Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!
 Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!
 Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!
 Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Londres, 1914 - Junho.

Anexo C - Poema “Tabacaria”

Não sou nada.
 Nunca serei nada.
 Não posso querer ser nada.
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
 Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
 (E se soubessem quem é, o que saberiam?),
 Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
 Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
 Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
 Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
 Com a morte a por umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
 Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
 Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
 E não tivesse mais irmandade com as coisas
 Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
 A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
 De dentro da minha cabeça,
 E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
 Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
 À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
 E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.
 Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
 A aprendizagem que me deram,
 Desci dela pela janela das traseiras da casa.
 Fui até ao campo com grandes propósitos.

Mas lá encontrei só ervas e árvores,
 E quando havia gente era igual à outra.
 Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
 Ser o que penso? Mas penso tanta coisa!
 E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!
 Gênio? Neste momento
 Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,
 E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
 Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
 Não, não creio em mim.
 Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!
 Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?
 Não, nem em mim...
 Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
 Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?
 Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas -
 Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas -,
 E quem sabe se realizáveis,
 Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
 O mundo é para quem nasce para o conquistar
 E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.
 Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
 Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
 Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
 Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
 Ainda que não more nela;
 Serei sempre *o que não nasceu para isso*;
 Serei sempre só *o que tinha qualidades*;
 Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,
 E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
 E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
 Crer em mim? Não, nem em nada.
 Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
 O seu sol, a sua chava, o vento que me acha o cabelo,
 E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
 Escravos cardíacos das estrelas,
 Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
 Mas acordamos e ele é opaco,
 Levantamo-nos e ele é alheio,
 Saímos de casa e ele é a terra inteira,
 Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;
 Come chocolates!
 Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
 Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
 Come, pequena suja, come!
 Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!

Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, em rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.

(Tu que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno - não concebo bem o quê -
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresces
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo
E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente

Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
 Quem me dera encontrar-me como coisa que eu fizesse,
 E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
 Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
 Como um tapete em que um bêbado tropeça
 Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
 Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
 E com o desconforto da alma mal-entendendo.
 Ele morrerá e eu morrerei.
 Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos.
 A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também.
 Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
 E a língua em que foram escritos os versos.
 Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
 Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
 Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,

Sempre uma coisa defronte da outra,
 Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
 Sempre o impossível tão estúpido como o real,
 Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
 Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?)
 E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
 Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
 E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
 Sigo o fumo como uma rota própria,
 E gozo, num momento sensitivo e competente,
 A libertação de todas as especulações
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
 E continuo fumando.
 Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
 Talvez fosse feliz.)
 Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
 O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
 Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.
 (O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
 Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

Álvaro de Campos, 15-1-1928

Anexo D - Poema “Saudação a Walt Whitman”

Portugal Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze...
Hé-lá-á-á-á-á-á-á!

De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...
Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de tédio,
Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que morrias,
Sei que me amaste também, que me conheceste, e estou contente.
Sei que me conheceste, que me contemplaste e me explicaste,
Sei que é isso que eu sou, quer em Brooklyn Ferry dez anos antes de eu nascer,
Quer pela Rua do Ouro acima pensando em tudo que não é a Rua do Ouro,
E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na alma.

Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos,
Concubina ferosa do universo disperso,
Grande pederasta roçando-te contra a adversidade das coisas,
Sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas profissões,
Cio das passagens, dos encontros casuais, das meras observações,
Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,
Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes,
E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando Deus!

Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo,
Grande democrata epidérmico, contágio a tudo em corpo e alma,
Carnaval de todas as ações, bacanal de todos os propósitos,
Irmão gêmeo de todos os arrancos,
Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir máquinas,
Homero do insaisissable de flutuante carnal,
Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,
Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura! incubo de todos os gestos
Espasmo pra dentro de todos os objetos-força,
Souteneur de todo o Universo,
Rameira de todos os sistemas solares...

Quantas vezes eu beijo o teu retrato!
Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)
Sentas isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais quentes (em gente)

E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de lá —,
Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito

Uma ereção abstrata e indireta no fundo da minha alma.

Nada do engageant em ti, mas ciclópico e musculoso,
Mas perante o Universo a tua atitude era de mulher,
E cada erva, cada pedra, cada homem era para ti o Universo.

Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!
Pertença à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,
Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em meus sonhos,
Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vês-me ao contrário:
De dentro para fora... Meu corpo é o que adivinhas, vês a minha alma —
Essa vês tu propriamente e através dos olhos dela o meu corpo —
Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro,
Poeta sensacionista,
Não sou teu discípulo, não sou teu amigo, não sou teu cantor,
Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!

Nunca posso ler os teus versos a fio... Há ali sentir demais...
Atravesso os teus versos como a uma multidão aos encontros a mim,
E cheira-me a suor, a óleos, a atividade humana e mecânica.
Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,
Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos,

Não sei se estou aqui, de pé sobre a terra natural,
Ou de cabeça pra baixo, pendurado numa espécie de estabelecimento,
No teto natural da tua inspiração de tropel,
No centro do teto da tua intensidade inacessível.

Abram-me todas as portas!
Por força que hei de passar!
Minha senha? Walt Whitman!
Mas não dou senha nenhuma...
Passo sem explicações...
Se for preciso meto dentro as portas...
Sim — eu, franzino e civilizado, meto dentro as portas,
Porque neste momento não sou franzino nem civilizado,
Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar,
E que há de passar por força, porque quando quero passar sou Deus!
Tirem esse lixo da minha frente!
Metam-me em gavetas essas emoções!
Daqui pra fora, políticos, literatos,
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, souteneurs,
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a vida.
O espírito que dá a vida neste momento sou EU!

Que nenhum filho da... se me atravessasse no caminho!
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!

Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo,
 E comigo, com Deus, com o sentido-eu da palavra Infinito...
 Pra frente!
 Meto esporas!
 Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
 Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,
 Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
 Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...
 Loucura furiosa! Vontade de ganir, de saltar,
 De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,
 De me cramponner às rodas dos veículos e meter por baixo,
 De me meter adiante do giro do chicote que vai bater,
 De ser a cadela de todos os cães e eles não bastam,
 De ser o volante de todas as máquinas e a velocidade tem limite,
 De ser o esmagado, o deixado, o deslocado, o acabado,
 Dança comigo, Walt, lá do outro mundo, esta fúria,
 Salta comigo neste batuque que esbarra com os astros,
 Cai comigo sem forças no chão,
 Esbarra comigo tonto nas paredes,
 Parte-te e esfrangalha-te comigo
 Em tudo, por tudo, à roda de tudo, sem tudo,
 Raiva abstrata do corpo fazendo maelstroms na alma...

Arre! Vamos lá pra frente!
 Se o próprio Deus impede, vamos lá pra frente Não faz diferença
 Vamos lá pra frente sem ser para parte nenhuma
 Infinito! Universo! Meta sem meta! Que importa?

(Deixa-me tirar a gravata e desabotoar o colarinho .
 Não se pode ter muita energia com a civilização à roda do pescoço ...)
 Agora, sim, partamos, vá lá pra frente.

Numa grande marche aux flabeux-todas-as-cidades-da-Europa,
 Numa grande marcha guerreira a indústria, o comércio e ócio,
 Numa grande corrida, numa grande subida, numa grande descida
 Estrondeando, pulando, e tudo pulando comigo,
 Salto a saudar-te,
 Berro a saudar-te,
 Desencadeio-me a saudar-te, aos pinotes, aos pinos, aos guinos!

Por isso é a ti que endereço
 Meus versos saltos, meus versos pulos, meus versos espasmos
 Os meus versos-ataques-históricos,
 Os meus versos que arrastam o carro dos meus nervos.

Aos trambolhões me inspiro,
 Mal podendo respirar, ter-me de pé me exalto,
 E os meus versos são eu não poder estoirar de viver.

Abram-me todas as janelas!
Arranquem-me todas as portas!
Puxem a casa toda para cima de mim!
Quero viver em liberdade no ar,
Quero ter gestos fora do meu corpo,
Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos mares,
Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!

Não quero fechos nas portas!
Não quero fechaduras nos cofres!
Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença doída de qualquer outro,
Que me despejem dos caixotes,
Que me atirem aos mares,
Que me vão buscar a casa com fins obscenos,
Só para não estar sempre aqui sentado e quieto,
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!
Não quero intervalos no mundo!

Quero a contigüidade penetrada e material dos objetos!
Quero que os corpos físicos sejam uns dos outros como as almas,
Não só dinamicamente, mas estaticamente também!

Quero voar e cair de muito alto!
Ser arremessado como uma granada!
Ir parar a... Ser levado até...
Abstrato auge no fim cie mim e de tudo!

Clímax a ferro e motores!
Escadaria pela velocidade acima, sem degraus!
Bomba hidráulica desancorando-me as entranhas sentidas!

Ponham-me grilhetas só para eu as partir!
Só para eu as partir com os dentes, e que os dentes sangrem
Gozo masoquista, espasmódico a sangue, da vida!

Os marinheiros levaram-me preso,
As mãos apertaram-me no escuro,
Morri temporariamente de senti-lo,
Seguiu-se a minh'alma a lambar o chão do cárcere privado,
E a cega-rega das impossibilidades contornando o meu acinte.

Pula, salta, toma o freio nos dentes,
Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias inquietas,
Paradeiro indeciso do meu destino a motores!

He calls Walt:

Porta pra tudo!
Ponte pra tudo!
Estrada pra tudo!
Tua alma omnívora,
Tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher,
Tua alma os dois onde estão dois,
Tua alma o um que são dois quando dois são um,
Tua alma seta, raio, espaço,
Amplexo, nexo, sexo, Texas, Carolina, New York,
Brooklyn Ferry à tarde,
Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,
Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!
PUM! pum! pum! pum! pum!
PUM!
Tu, o que eras, tu o que vias, tu o que ouvias,
O sujeito e o objeto, o ativo e o passivo,
Aqui e ali, em toda a parte tu,
Círculo fechando todas as possibilidades de sentir,
Marco miliário de todas as coisas que podem ser,
Deus Termo de todos os objetos que se imaginem e és tu!
Tu Hora,
Tu Minuto,
Tu Segundo!
Tu intercalado, liberto, desfraldado, ido,
Intercalamento, libertação, ida, desfraldamento,
Tu intercalador, libertador, desfraldador, remetente,
Carimbo em todas as cartas,
Nome em todos os endereços,
Mercadoria entregue, devolvida, seguindo...
Comboio de sensações a alma-quilômetros à hora,
À hora, ao minuto, ao segundo, PUM!

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,
Grande Libertador, volto submisso a ti.

Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.
Sem dúvida porque se exprimiu, quis dizer qualquer coisa
Mas hoje, olhando para trás, só uma ânsia me fica —
Não ter tido a tua calma superior a ti-próprio,
A tua libertação constelada de Noite Infinita.

Não tive talvez missão alguma na terra.

Heia que eu vou chamar
 Ao privilégio ruidoso e ensurdecedor de saudar-te
 Todo o formilhamento humano do Universo,
 Todos os modos de todas as emoções
 Todos os feitios de todos os pensamentos,
 Todas as rodas, todos os volantes, todos os êmbolos da alma.
 Heia que eu grito
 E num cortejo de Mim até ti estardalhaçam
 Com uma algaravia metafísica e real,
 Com um chinfrim de coisas passado por dentro sem nexos.

Ave, salve, viva, ó grande bastardo de Apolo,
 Amante impotente e fogoso das nove musas e das graças,
 Funicular do Olimpo até nós e de nós ao Olimpo.

Anexo E – Poema “Song of Myself” – Walt Whitman

1

I celebrate myself, and sing myself,
 And what I assume you shall assume,
 For every atom belonging to me as good belongs to you.

I loafe and invite my soul,
 I lean and loafe at my ease observing a spear of summer grass.

My tongue, every atom of my blood, form'd from this soil, this air,
 Born here of parents born here from parents the same, and their
 parents the same,
 I, now thirty-seven years old in perfect health begin,
 Hoping to cease not till death.

Creeds and schools in abeyance,
 Retiring back a while sufficed at what they are, but never forgotten,
 I harbor for good or bad, I permit to speak at every hazard,
 Nature without check with original energy.

2

Houses and rooms are full of perfumes, the shelves are crowded with
 perfumes,
 I breathe the fragrance myself and know it and like it,
 The distillation would intoxicate me also, but I shall not let it.

The atmosphere is not a perfume, it has no taste of the
 distillation, it is odorless,
 It is for my mouth forever, I am in love with it,

I will go to the bank by the wood and become undisguised and naked,
I am mad for it to be in contact with me.

The smoke of my own breath,
Echoes, ripples, buzz'd whispers, love-root, silk-thread, crotch and vine,
My respiration and inspiration, the beating of my heart, the passing
of blood and air through my lungs,
The sniff of green leaves and dry leaves, and of the shore and
dark-color'd sea-rocks, and of hay in the barn,

The sound of the belch'd words of my voice loos'd to the eddies of
the wind,
A few light kisses, a few embraces, a reaching around of arms,
The play of shine and shade on the trees as the supple boughs wag,
The delight alone or in the rush of the streets, or along the fields
and hill-sides,
The feeling of health, the full-noon trill, the song of me rising
from bed and meeting the sun.

Have you reckon'd a thousand acres much? have you reckon'd the earth much?
Have you practis'd so long to learn to read?
Have you felt so proud to get at the meaning of poems?

Stop this day and night with me and you shall possess the origin of
all poems,
You shall possess the good of the earth and sun, (there are millions
of suns left,)
You shall no longer take things at second or third hand, nor look through
the eyes of the dead, nor feed on the spectres in books,
You shall not look through my eyes either, nor take things from me,
You shall listen to all sides and filter them from your self.

3

I have heard what the talkers were talking, the talk of the
beginning and the end,
But I do not talk of the beginning or the end.

There was never any more inception than there is now,
Nor any more youth or age than there is now,
And will never be any more perfection than there is now,
Nor any more heaven or hell than there is now.

Urge and urge and urge,
Always the procreant urge of the world.

Out of the dimness opposite equals advance, always substance and
increase, always sex,
Always a knit of identity, always distinction, always a breed of life.
To elaborate is no avail, learn'd and unlearn'd feel that it is so.

Sure as the most certain sure, plumb in the uprights, well
 entretied, braced in the beams,
 Stout as a horse, affectionate, haughty, electrical,
 I and this mystery here we stand.

Clear and sweet is my soul, and clear and sweet is all that is not my soul.

Lack one lacks both, and the unseen is proved by the seen,
 Till that becomes unseen and receives proof in its turn.

Showing the best and dividing it from the worst age vexes age,
 Knowing the perfect fitness and equanimity of things, while they
 discuss I am silent, and go bathe and admire myself.

Welcome is every organ and attribute of me, and of any man hearty and clean,
 Not an inch nor a particle of an inch is vile, and none shall be
 less familiar than the rest.

I am satisfied--I see, dance, laugh, sing;
 As the hugging and loving bed-fellow sleeps at my side through the night,
 and withdraws at the peep of the day with stealthy tread,
 Leaving me baskets cover'd with white towels swelling the house with
 their plenty,
 Shall I postpone my acceptation and realization and scream at my eyes,
 That they turn from gazing after and down the road,
 And forthwith cipher and show me to a cent,
 Exactly the value of one and exactly the value of two, and which is ahead?

4

Trippers and askers surround me,
 People I meet, the effect upon me of my early life or the ward and
 city I live in, or the nation,
 The latest dates, discoveries, inventions, societies, authors old and new,
 My dinner, dress, associates, looks, compliments, dues,
 The real or fancied indifference of some man or woman I love,
 The sickness of one of my folks or of myself, or ill-doing or loss
 or lack of money, or depressions or exaltations,
 Battles, the horrors of fratricidal war, the fever of doubtful news,
 the fitful events;
 These come to me days and nights and go from me again,
 But they are not the Me myself.

Apart from the pulling and hauling stands what I am,
 Stands amused, complacent, compassionating, idle, unitary,
 Looks down, is erect, or bends an arm on an impalpable certain rest,
 Looking with side-curved head curious what will come next,
 Both in and out of the game and watching and wondering at it.

Backward I see in my own days where I sweated through fog with
 linguists and contenders,
 I have no mockings or arguments, I witness and wait.

5

I believe in you my soul, the other I am must not abase itself to you,
 And you must not be abased to the other.

Loafe with me on the grass, loose the stop from your throat,
 Not words, not music or rhyme I want, not custom or lecture, not
 even the best,
 Only the lull I like, the hum of your valved voice.

I mind how once we lay such a transparent summer morning,
 How you settled your head athwart my hips and gently turn'd over upon me,
 And parted the shirt from my bosom-bone, and plunged your tongue
 to my bare-stript heart,
 And reach'd till you felt my beard, and reach'd till you held my feet.

Swiftly arose and spread around me the peace and knowledge that pass
 all the argument of the earth,
 And I know that the hand of God is the promise of my own,
 And I know that the spirit of God is the brother of my own,
 And that all the men ever born are also my brothers, and the women
 my sisters and lovers,
 And that a kelson of the creation is love,
 And limitless are leaves stiff or drooping in the fields,
 And brown ants in the little wells beneath them,
 And mossy scabs of the worm fence, heap'd stones, elder, mullein and
 poke-weed.

6

A child said What is the grass? fetching it to me with full hands;
 How could I answer the child? I do not know what it is any more than he.

I guess it must be the flag of my disposition, out of hopeful green
 stuff woven.

Or I guess it is the handkerchief of the Lord,
 A scented gift and remembrancer designedly dropt,
 Bearing the owner's name someway in the corners, that we may see
 and remark, and say Whose?

Or I guess the grass is itself a child, the produced babe of the vegetation.

Or I guess it is a uniform hieroglyphic,
 And it means, Sprouting alike in broad zones and narrow zones,
 Growing among black folks as among white,

Kanuck, Tuckahoe, Congressman, Cuff, I give them the same, I
receive them the same.

And now it seems to me the beautiful uncut hair of graves.

Tenderly will I use you curling grass,
It may be you transpire from the breasts of young men,
It may be if I had known them I would have loved them,
It may be you are from old people, or from offspring taken soon out
of their mothers' laps,
And here you are the mothers' laps.

This grass is very dark to be from the white heads of old mothers,
Darker than the colorless beards of old men,
Dark to come from under the faint red roofs of mouths.

O I perceive after all so many uttering tongues,
And I perceive they do not come from the roofs of mouths for nothing.

I wish I could translate the hints about the dead young men and women,
And the hints about old men and mothers, and the offspring taken
soon out of their laps.

What do you think has become of the young and old men?
And what do you think has become of the women and children?

They are alive and well somewhere,
The smallest sprout shows there is really no death,
And if ever there was it led forward life, and does not wait at the
end to arrest it,
And ceas'd the moment life appear'd.

All goes onward and outward, nothing collapses,
And to die is different from what any one supposed, and luckier.

7

Has any one supposed it lucky to be born?
I hasten to inform him or her it is just as lucky to die, and I know it.

I pass death with the dying and birth with the new-wash'd babe, and
am not contain'd between my hat and boots,
And peruse manifold objects, no two alike and every one good,
The earth good and the stars good, and their adjuncts all good.

I am not an earth nor an adjunct of an earth,
I am the mate and companion of people, all just as immortal and
fathomless as myself,
(They do not know how immortal, but I know.)

Every kind for itself and its own, for me mine male and female,
 For me those that have been boys and that love women,
 For me the man that is proud and feels how it stings to be slighted,
 For me the sweet-heart and the old maid, for me mothers and the
 mothers of mothers,
 For me lips that have smiled, eyes that have shed tears,
 For me children and the begetters of children.

Undrape! you are not guilty to me, nor stale nor discarded,
 I see through the broadcloth and gingham whether or no,
 And am around, tenacious, acquisitive, tireless, and cannot be shaken away.

8

The little one sleeps in its cradle,
 I lift the gauze and look a long time, and silently brush away flies
 with my hand.

The youngster and the red-faced girl turn aside up the bushy hill,
 I peeringly view them from the top.

The suicide sprawls on the bloody floor of the bedroom,
 I witness the corpse with its dabbled hair, I note where the pistol
 has fallen.

The blab of the pave, tires of carts, sluff of boot-soles, talk of
 the promenaders,
 The heavy omnibus, the driver with his interrogating thumb, the
 clank of the shod horses on the granite floor,
 The snow-sleighs, clinking, shouted jokes, pelts of snow-balls,
 The hurrahs for popular favorites, the fury of rous'd mobs,
 The flap of the curtain'd litter, a sick man inside borne to the hospital,
 The meeting of enemies, the sudden oath, the blows and fall,
 The excited crowd, the policeman with his star quickly working his
 passage to the centre of the crowd,
 The impassive stones that receive and return so many echoes,
 What groans of over-fed or half-starv'd who fall sunstruck or in fits,
 What exclamations of women taken suddenly who hurry home and
 give birth to babes,
 What living and buried speech is always vibrating here, what howls
 restrain'd by decorum,
 Arrests of criminals, slights, adulterous offers made, acceptances,
 rejections with convex lips,
 I mind them or the show or resonance of them--I come and I depart.

9

The big doors of the country barn stand open and ready,
 The dried grass of the harvest-time loads the slow-drawn wagon,
 The clear light plays on the brown gray and green intertinged,

The armfuls are pack'd to the sagging mow.

I am there, I help, I came stretch'd atop of the load,
I felt its soft jolts, one leg reclined on the other,
I jump from the cross-beams and seize the clover and timothy,
And roll head over heels and tangle my hair full of wisps.

10

Alone far in the wilds and mountains I hunt,
Wandering amazed at my own lightness and glee,
In the late afternoon choosing a safe spot to pass the night,
Kindling a fire and broiling the fresh-kill'd game,
Falling asleep on the gather'd leaves with my dog and gun by my side.

The Yankee clipper is under her sky-sails, she cuts the sparkle and scud,
My eyes settle the land, I bend at her prow or shout joyously from the deck.

The boatmen and clam-diggers arose early and stopt for me,
I tuck'd my trowser-ends in my boots and went and had a good time;
You should have been with us that day round the chowder-kettle.

I saw the marriage of the trapper in the open air in the far west,
the bride was a red girl,
Her father and his friends sat near cross-legged and dumbly smoking,
they had moccasins to their feet and large thick blankets
hanging from their shoulders,
On a bank lounged the trapper, he was drest mostly in skins, his luxuriant
beard and curls protected his neck, he held his bride by the hand,
She had long eyelashes, her head was bare, her coarse straight locks
descended upon her voluptuous limbs and reach'd to her feet.

The runaway slave came to my house and stopt outside,
I heard his motions crackling the twigs of the woodpile,
Through the swung half-door of the kitchen I saw him limpsy and weak,
And went where he sat on a log and led him in and assured him,
And brought water and fill'd a tub for his sweated body and bruis'd feet,
And gave him a room that enter'd from my own, and gave him some
coarse clean clothes,
And remember perfectly well his revolving eyes and his awkwardness,
And remember putting piasters on the galls of his neck and ankles;
He staid with me a week before he was recuperated and pass'd north,
I had him sit next me at table, my fire-lock lean'd in the corner.

11

Twenty-eight young men bathe by the shore,
Twenty-eight young men and all so friendly;
Twenty-eight years of womanly life and all so lonesome.

She owns the fine house by the rise of the bank,
She hides handsome and richly drest aft the blinds of the window.

Which of the young men does she like the best?
Ah the homeliest of them is beautiful to her.

Where are you off to, lady? for I see you,
You splash in the water there, yet stay stock still in your room.

Dancing and laughing along the beach came the twenty-ninth bather,
The rest did not see her, but she saw them and loved them.

The beards of the young men glisten'd with wet, it ran from their long hair,
Little streams pass'd all over their bodies.

An unseen hand also pass'd over their bodies,
It descended tremblingly from their temples and ribs.

The young men float on their backs, their white bellies bulge to the
sun, they do not ask who seizes fast to them,
They do not know who puffs and declines with pendant and bending arch,
They do not think whom they souse with spray.

12

The butcher-boy puts off his killing-clothes, or sharpens his knife
at the stall in the market,
I loiter enjoying his repartee and his shuffle and break-down.

Blacksmiths with grimed and hairy chests environ the anvil,
Each has his main-sledge, they are all out, there is a great heat in
the fire.

From the cinder-strew'd threshold I follow their movements,
The lithe sheer of their waists plays even with their massive arms,
Overhand the hammers swing, overhand so slow, overhand so sure,
They do not hasten, each man hits in his place.

13

The negro holds firmly the reins of his four horses, the block swags
underneath on its tied-over chain,
The negro that drives the long dray of the stone-yard, steady and
tall he stands pois'd on one leg on the string-piece,
His blue shirt exposes his ample neck and breast and loosens over
his hip-band,
His glance is calm and commanding, he tosses the slouch of his hat
away from his forehead,
The sun falls on his crispy hair and mustache, falls on the black of
his polish'd and perfect limbs.

I behold the picturesque giant and love him, and I do not stop there,
I go with the team also.

In me the caresser of life wherever moving, backward as well as
forward sluing,
To niches aside and junior bending, not a person or object missing,
Absorbing all to myself and for this song.

Oxen that rattle the yoke and chain or halt in the leafy shade, what
is that you express in your eyes?
It seems to me more than all the print I have read in my life.

My tread scares the wood-drake and wood-duck on my distant and
day-long ramble,
They rise together, they slowly circle around.

I believe in those wing'd purposes,
And acknowledge red, yellow, white, playing within me,
And consider green and violet and the tufted crown intentional,
And do not call the tortoise unworthy because she is not something else,
And the in the woods never studied the gamut, yet trills pretty well to me,
And the look of the bay mare shames silliness out of me.

14

The wild gander leads his flock through the cool night,
Ya-honk he says, and sounds it down to me like an invitation,
The pert may suppose it meaningless, but I listening close,
Find its purpose and place up there toward the wintry sky.

The sharp-hoof'd moose of the north, the cat on the house-sill, the
chickadee, the prairie-dog,
The litter of the grunting sow as they tug at her teats,
The brood of the turkey-hen and she with her half-spread wings,
I see in them and myself the same old law.

The press of my foot to the earth springs a hundred affections,
They scorn the best I can do to relate them.

I am enamour'd of growing out-doors,
Of men that live among cattle or taste of the ocean or woods,
Of the builders and steerers of ships and the wielders of axes and
mauls, and the drivers of horses,
I can eat and sleep with them week in and week out.

What is commonest, cheapest, nearest, easiest, is Me,
Me going in for my chances, spending for vast returns,
Adorning myself to bestow myself on the first that will take me,
Not asking the sky to come down to my good will,

Scattering it freely forever.

15

The pure contralto sings in the organ loft,
 The carpenter dresses his plank, the tongue of his foreplane
 whistles its wild ascending lisp,
 The married and unmarried children ride home to their Thanksgiving dinner,
 The pilot seizes the king-pin, he heaves down with a strong arm,
 The mate stands braced in the whale-boat, lance and harpoon are ready,
 The duck-shooter walks by silent and cautious stretches,
 The deacons are ordain'd with cross'd hands at the altar,
 The spinning-girl retreats and advances to the hum of the big wheel,
 The farmer stops by the bars as he walks on a First-day loafe and
 looks at the oats and rye,
 The lunatic is carried at last to the asylum a confirm'd case,
 (He will never sleep any more as he did in the cot in his mother's
 bed-room;)
 The jour printer with gray head and gaunt jaws works at his case,
 He turns his quid of tobacco while his eyes blurr with the manuscript;
 The malform'd limbs are tied to the surgeon's table,
 What is removed drops horribly in a pail;
 The quadroon girl is sold at the auction-stand, the drunkard nods by
 the bar-room stove,
 The machinist rolls up his sleeves, the policeman travels his beat,
 the gate-keeper marks who pass,
 The young fellow drives the express-wagon, (I love him, though I do
 not know him;)
 The half-breed straps on his light boots to compete in the race,
 The western turkey-shooting draws old and young, some lean on their
 rifles, some sit on logs,
 Out from the crowd steps the marksman, takes his position, levels his piece;
 The groups of newly-come immigrants cover the wharf or levee,
 As the woolly-pates hoe in the sugar-field, the overseer views them
 from his saddle,
 The bugle calls in the ball-room, the gentlemen run for their
 partners, the dancers bow to each other,
 The youth lies awake in the cedar-roof'd garret and harks to the
 musical rain,
 The Wolverine sets traps on the creek that helps fill the Huron,
 The squaw wrapt in her yellow-hemm'd cloth is offering moccasins and
 bead-bags for sale,
 The connoisseur peers along the exhibition-gallery with half-shut
 eyes bent sideways,
 As the deck-hands make fast the steamboat the plank is thrown for
 the shore-going passengers,
 The young sister holds out the skein while the elder sister winds it
 off in a ball, and stops now and then for the knots,
 The one-year wife is recovering and happy having a week ago borne
 her first child,

The clean-hair'd Yankee girl works with her sewing-machine or in the
 factory or mill,
 The paving-man leans on his two-handed rammer, the reporter's lead
 flies swiftly over the note-book, the sign-painter is lettering
 with blue and gold,
 The canal boy trots on the tow-path, the book-keeper counts at his
 desk, the shoemaker waxes his thread,
 The conductor beats time for the band and all the performers follow him,
 The child is baptized, the convert is making his first professions,
 The regatta is spread on the bay, the race is begun, (how the white
 sails sparkle!)
 The drover watching his drove sings out to them that would stray,
 The pedler sweats with his pack on his back, (the purchaser higgling
 about the odd cent;)
 The bride unrumples her white dress, the minute-hand of the clock
 moves slowly,
 The opium-eater reclines with rigid head and just-open'd lips,
 The prostitute draggles her shawl, her bonnet bobs on her tipsy and
 pimpled neck,
 The crowd laugh at her blackguard oaths, the men jeer and wink to
 each other,
 (Miserable! I do not laugh at your oaths nor jeer you;)
 The President holding a cabinet council is surrounded by the great
 Secretaries,
 On the piazza walk three matrons stately and friendly with twined arms,
 The crew of the fish-smack pack repeated layers of halibut in the hold,
 The Missourian crosses the plains toting his wares and his cattle,
 As the fare-collector goes through the train he gives notice by the
 jingling of loose change,
 The floor-men are laying the floor, the tinnners are tinning the
 roof, the masons are calling for mortar,
 In single file each shouldering his hod pass onward the laborers;
 Seasons pursuing each other the indescribable crowd is gather'd, it
 is the fourth of Seventh-month, (what salutes of cannon and small arms!)
 Seasons pursuing each other the plougher ploughs, the mower mows,
 and the winter-grain falls in the ground;
 Off on the lakes the pike-fisher watches and waits by the hole in
 the frozen surface,
 The stumps stand thick round the clearing, the squatter strikes deep
 with his axe,
 Flatboatmen make fast towards dusk near the cotton-wood or pecan-trees,
 Coon-seekers go through the regions of the Red river or through
 those drain'd by the Tennessee, or through those of the Arkansas,
 Torches shine in the dark that hangs on the Chattahooche or Altamahaw,
 Patriarchs sit at supper with sons and grandsons and great-grandsons
 around them,
 In walls of adobie, in canvas tents, rest hunters and trappers after
 their day's sport,
 The city sleeps and the country sleeps,
 The living sleep for their time, the dead sleep for their time,

The old husband sleeps by his wife and the young husband sleeps by his wife;
 And these tend inward to me, and I tend outward to them,
 And such as it is to be of these more or less I am,
 And of these one and all I weave the song of myself.

16

I am of old and young, of the foolish as much as the wise,
 Regardless of others, ever regardful of others,
 Maternal as well as paternal, a child as well as a man,
 Stuff'd with the stuff that is coarse and stuff'd with the stuff
 that is fine,
 One of the Nation of many nations, the smallest the same and the
 largest the same,
 A Southerner soon as a Northerner, a planter nonchalant and
 hospitable down by the Oconee I live,
 A Yankee bound my own way ready for trade, my joints the limberest
 joints on earth and the sternest joints on earth,
 A Kentuckian walking the vale of the Elkhorn in my deer-skin
 leggings, a Louisianian or Georgian,
 A boatman over lakes or bays or along coasts, a Hoosier, Badger, Buckeye;
 At home on Kanadian snow-shoes or up in the bush, or with fishermen
 off Newfoundland,
 At home in the fleet of ice-boats, sailing with the rest and tacking,
 At home on the hills of Vermont or in the woods of Maine, or the
 Texan ranch,
 Comrade of Californians, comrade of free North-Westerners, (loving
 their big proportions,)
 Comrade of raftsmen and coalmen, comrade of all who shake hands
 and welcome to drink and meat,
 A learner with the simplest, a teacher of the thoughtfulest,
 A novice beginning yet experient of myriads of seasons,
 Of every hue and caste am I, of every rank and religion,
 A farmer, mechanic, artist, gentleman, sailor, quaker,
 Prisoner, fancy-man, rowdy, lawyer, physician, priest.

I resist any thing better than my own diversity,
 Breathe the air but leave plenty after me,
 And am not stuck up, and am in my place.

(The moth and the fish-eggs are in their place,
 The bright suns I see and the dark suns I cannot see are in their place,
 The palpable is in its place and the impalpable is in its place.)

17

These are really the thoughts of all men in all ages and lands, they
 are not original with me,
 If they are not yours as much as mine they are nothing, or next to nothing,
 If they are not the riddle and the untying of the riddle they are nothing,

If they are not just as close as they are distant they are nothing.

This is the grass that grows wherever the land is and the water is,
This the common air that bathes the globe.

18

With music strong I come, with my cornets and my drums,
I play not marches for accepted victors only, I play marches for
conquer'd and slain persons.

Have you heard that it was good to gain the day?
I also say it is good to fall, battles are lost in the same spirit
in which they are won.

I beat and pound for the dead,
I blow through my embouchures my loudest and gayest for them.

Vivas to those who have fail'd!
And to those whose war-vessels sank in the sea!
And to those themselves who sank in the sea!
And to all generals that lost engagements, and all overcome heroes!
And the numberless unknown heroes equal to the greatest heroes known!

19

This is the meal equally set, this the meat for natural hunger,
It is for the wicked just same as the righteous, I make appointments
with all,
I will not have a single person slighted or left away,
The kept-woman, sponger, thief, are hereby invited,
The heavy-lipp'd slave is invited, the venerealee is invited;
There shall be no difference between them and the rest.

This is the press of a bashful hand, this the float and odor of hair,
This the touch of my lips to yours, this the murmur of yearning,
This the far-off depth and height reflecting my own face,
This the thoughtful merge of myself, and the outlet again.

Do you guess I have some intricate purpose?
Well I have, for the Fourth-month showers have, and the mica on the
side of a rock has.

Do you take it I would astonish?
Does the daylight astonish? does the early redstart twittering
through the woods?
Do I astonish more than they?

This hour I tell things in confidence,
I might not tell everybody, but I will tell you.

20

Who goes there? hankering, gross, mystical, nude;
How is it I extract strength from the beef I eat?

What is a man anyhow? what am I? what are you?

All I mark as my own you shall offset it with your own,
Else it were time lost listening to me.

I do not snivel that snivel the world over,
That months are vacuums and the ground but wallow and filth.

Whimpering and truckling fold with powders for invalids, conformity
goes to the fourth-remov'd,
I wear my hat as I please indoors or out.

Why should I pray? why should I venerate and be ceremonious?

Having pried through the strata, analyzed to a hair, counsel'd with
doctors and calculated close,
I find no sweeter fat than sticks to my own bones.

In all people I see myself, none more and not one a barley-corn less,
And the good or bad I say of myself I say of them.

I know I am solid and sound,
To me the converging objects of the universe perpetually flow,
All are written to me, and I must get what the writing means.

I know I am deathless,
I know this orbit of mine cannot be swept by a carpenter's compass,
I know I shall not pass like a child's carlacue cut with a burnt
stick at night.

I know I am august,
I do not trouble my spirit to vindicate itself or be understood,
I see that the elementary laws never apologize,
(I reckon I behave no prouder than the level I plant my house by,
after all.)

I exist as I am, that is enough,
If no other in the world be aware I sit content,
And if each and all be aware I sit content.

One world is aware and by far the largest to me, and that is myself,
And whether I come to my own to-day or in ten thousand or ten
million years,
I can cheerfully take it now, or with equal cheerfulness I can wait.

My foothold is tenon'd and mortis'd in granite,
 I laugh at what you call dissolution,
 And I know the amplitude of time.

21

I am the poet of the Body and I am the poet of the Soul,
 The pleasures of heaven are with me and the pains of hell are with me,
 The first I graft and increase upon myself, the latter I translate
 into new tongue.

I am the poet of the woman the same as the man,
 And I say it is as great to be a woman as to be a man,
 And I say there is nothing greater than the mother of men.

I chant the chant of dilation or pride,
 We have had ducking and deprecating about enough,
 I show that size is only development.

Have you outstript the rest? are you the President?
 It is a trifle, they will more than arrive there every one, and
 still pass on.

I am he that walks with the tender and growing night,
 I call to the earth and sea half-held by the night.

Press close bare-bosom'd night--press close magnetic nourishing night!
 Night of south winds--night of the large few stars!
 Still nodding night--mad naked summer night.

Smile O voluptuous cool-breath'd earth!
 Earth of the slumbering and liquid trees!
 Earth of departed sunset--earth of the mountains misty-topt!
 Earth of the vitreous pour of the full moon just tinged with blue!
 Earth of shine and dark mottling the tide of the river!
 Earth of the limpid gray of clouds brighter and clearer for my sake!
 Far-swooping elbow'd earth--rich apple-blossom'd earth!
 Smile, for your lover comes.

Prodigal, you have given me love--therefore I to you give love!
 O unspeakable passionate love.

22

You sea! I resign myself to you also--I guess what you mean,
 I behold from the beach your crooked fingers,
 I believe you refuse to go back without feeling of me,
 We must have a turn together, I undress, hurry me out of sight of the land,
 Cushion me soft, rock me in billowy drowse,

Dash me with amorous wet, I can repay you.

Sea of stretch'd ground-swells,
 Sea breathing broad and convulsive breaths,
 Sea of the brine of life and of unshovell'd yet always-ready graves,
 Howler and scooper of storms, capricious and dainty sea,
 I am integral with you, I too am of one phase and of all phases.

Partaker of influx and efflux I, extoller of hate and conciliation,
 Extoller of amies and those that sleep in each others' arms.

I am he attesting sympathy,
 (Shall I make my list of things in the house and skip the house that
 supports them?)

I am not the poet of goodness only, I do not decline to be the poet
 of wickedness also.

What blurt is this about virtue and about vice?
 Evil propels me and reform of evil propels me, I stand indifferent,
 My gait is no fault-finder's or rejecter's gait,
 I moisten the roots of all that has grown.

Did you fear some scrofula out of the unflagging pregnancy?
 Did you guess the celestial laws are yet to be work'd over and rectified?

I find one side a balance and the antipedal side a balance,
 Soft doctrine as steady help as stable doctrine,
 Thoughts and deeds of the present our rouse and early start.

This minute that comes to me over the past decillions,
 There is no better than it and now.

What behaved well in the past or behaves well to-day is not such wonder,
 The wonder is always and always how there can be a mean man or an infidel.

23

Endless unfolding of words of ages!
 And mine a word of the modern, the word En-Masse.

A word of the faith that never balks,
 Here or henceforward it is all the same to me, I accept Time absolutely.

It alone is without flaw, it alone rounds and completes all,
 That mystic baffling wonder alone completes all.

I accept Reality and dare not question it,
 Materialism first and last imbuing.

Hurrah for positive science! long live exact demonstration!
 Fetch stonecrop mixt with cedar and branches of lilac,
 This is the lexicographer, this the chemist, this made a grammar of
 the old cartouches,
 These mariners put the ship through dangerous unknown seas.
 This is the geologist, this works with the scalper, and this is a
 mathematician.

Gentlemen, to you the first honors always!
 Your facts are useful, and yet they are not my dwelling,
 I but enter by them to an area of my dwelling.

Less the reminders of properties told my words,
 And more the reminders they of life untold, and of freedom and extrication,
 And make short account of neuters and geldings, and favor men and
 women fully equipt,
 And beat the gong of revolt, and stop with fugitives and them that
 plot and conspire.

24

Walt Whitman, a kosmos, of Manhattan the son,
 Turbulent, fleshy, sensual, eating, drinking and breeding,
 No sentimentalist, no stander above men and women or apart from them,
 No more modest than immodest.

Unscrew the locks from the doors!
 Unscrew the doors themselves from their jambs!

Whoever degrades another degrades me,
 And whatever is done or said returns at last to me.

Through me the afflatus surging and surging, through me the current
 and index.

I speak the pass-word primeval, I give the sign of democracy,
 By God! I will accept nothing which all cannot have their
 counterpart of on the same terms.

Through me many long dumb voices,
 Voices of the interminable generations of prisoners and slaves,
 Voices of the diseas'd and despairing and of thieves and dwarfs,
 Voices of cycles of preparation and accretion,
 And of the threads that connect the stars, and of wombs and of the
 father-stuff,
 And of the rights of them the others are down upon,
 Of the deform'd, trivial, flat, foolish, despised,
 Fog in the air, beetles rolling balls of dung.

Through me forbidden voices,

Voices of sexes and lusts, voices veil'd and I remove the veil,
Voices indecent by me clarified and transfigur'd.

I do not press my fingers across my mouth,
I keep as delicate around the bowels as around the head and heart,
Copulation is no more rank to me than death is.

I believe in the flesh and the appetites,
Seeing, hearing, feeling, are miracles, and each part and tag of me
is a miracle.

Divine am I inside and out, and I make holy whatever I touch or am
touch'd from,
The scent of these arm-pits aroma finer than prayer,
This head more than churches, bibles, and all the creeds.

If I worship one thing more than another it shall be the spread of
my own body, or any part of it,
Translucent mould of me it shall be you!
Shaded ledges and rests it shall be you!
Firm masculine colter it shall be you!
Whatever goes to the tilth of me it shall be you!
You my rich blood! your milky stream pale strippings of my life!
Breast that presses against other breasts it shall be you!
My brain it shall be your occult convolutions!
Root of wash'd sweet-flag! timorous pond-snipe! nest of guarded
duplicate eggs! it shall be you!
Mix'd tussled hay of head, beard, brawn, it shall be you!
Trickling sap of maple, fibre of manly wheat, it shall be you!
Sun so generous it shall be you!
Vapors lighting and shading my face it shall be you!
You sweaty brooks and dews it shall be you!
Winds whose soft-tickling genitals rub against me it shall be you!
Broad muscular fields, branches of live oak, loving loungee in my
winding paths, it shall be you!
Hands I have taken, face I have kiss'd, mortal I have ever touch'd,
it shall be you.

I dote on myself, there is that lot of me and all so luscious,
Each moment and whatever happens thrills me with joy,
I cannot tell how my ankles bend, nor whence the cause of my faintest wish,
Nor the cause of the friendship I emit, nor the cause of the
friendship I take again.

That I walk up my stoop, I pause to consider if it really be,
A morning-glory at my window satisfies me more than the metaphysics
of books.

To behold the day-break!
The little light fades the immense and diaphanous shadows,

The air tastes good to my palate.

Hefts of the moving world at innocent gambols silently rising
freshly exuding,
Scooting obliquely high and low.

Something I cannot see puts upward libidinous prongs,
Seas of bright juice suffuse heaven.

The earth by the sky staid with, the daily close of their junction,
The heav'd challenge from the east that moment over my head,
The mocking taunt, See then whether you shall be master!

25

Dazzling and tremendous how quick the sun-rise would kill me,
If I could not now and always send sun-rise out of me.

We also ascend dazzling and tremendous as the sun,
We found our own O my soul in the calm and cool of the daybreak.

My voice goes after what my eyes cannot reach,
With the twirl of my tongue I encompass worlds and volumes of worlds.

Speech is the twin of my vision, it is unequal to measure itself,
It provokes me forever, it says sarcastically,
Walt you contain enough, why don't you let it out then?

Come now I will not be tantalized, you conceive too much of
articulation,
Do you not know O speech how the buds beneath you are folded?
Waiting in gloom, protected by frost,
The dirt receding before my prophetic screams,
I underlying causes to balance them at last,
My knowledge my live parts, it keeping tally with the meaning of all things,
Happiness, (which whoever hears me let him or her set out in search
of this day.)

My final merit I refuse you, I refuse putting from me what I really am,
Encompass worlds, but never try to encompass me,
I crowd your sleekest and best by simply looking toward you.

Writing and talk do not prove me,
I carry the plenum of proof and every thing else in my face,
With the hush of my lips I wholly confound the skeptic.

26

Now I will do nothing but listen,
To accrue what I hear into this song, to let sounds contribute toward it.

I hear bravuras of birds, bustle of growing wheat, gossip of flames,
 clack of sticks cooking my meals,
 I hear the sound I love, the sound of the human voice,
 I hear all sounds running together, combined, fused or following,
 Sounds of the city and sounds out of the city, sounds of the day and night,
 Talkative young ones to those that like them, the loud laugh of
 work-people at their meals,
 The angry base of disjointed friendship, the faint tones of the sick,
 The judge with hands tight to the desk, his pallid lips pronouncing
 a death-sentence,
 The heave'e'yo of stevedores unlading ships by the wharves, the
 refrain of the anchor-lifters,
 The ring of alarm-bells, the cry of fire, the whirr of swift-streaking
 engines and hose-carts with premonitory tinkles and color'd lights,
 The steam-whistle, the solid roll of the train of approaching cars,
 The slow march play'd at the head of the association marching two and two,
 (They go to guard some corpse, the flag-tops are draped with black muslin.)

I hear the violoncello, ('tis the young man's heart's complaint,)
 I hear the key'd cornet, it glides quickly in through my ears,
 It shakes mad-sweet pangs through my belly and breast.

I hear the chorus, it is a grand opera,
 Ah this indeed is music--this suits me.

A tenor large and fresh as the creation fills me,
 The orbic flex of his mouth is pouring and filling me full.

I hear the train'd soprano (what work with hers is this?)
 The orchestra whirls me wider than Uranus flies,
 It wrenches such ardors from me I did not know I possess'd them,
 It sails me, I dab with bare feet, they are lick'd by the indolent waves,
 I am cut by bitter and angry hail, I lose my breath,
 Steep'd amid honey'd morphine, my windpipe throttled in fakes of death,
 At length let up again to feel the puzzle of puzzles,
 And that we call Being.

27

To be in any form, what is that?
 (Round and round we go, all of us, and ever come back thither,)
 If nothing lay more develop'd the quahaug in its callous shell were enough.

Mine is no callous shell,
 I have instant conductors all over me whether I pass or stop,
 They seize every object and lead it harmlessly through me.

I merely stir, press, feel with my fingers, and am happy,
 To touch my person to some one else's is about as much as I can stand.

28

Is this then a touch? quivering me to a new identity,
 Flames and ether making a rush for my veins,
 Treacherous tip of me reaching and crowding to help them,
 My flesh and blood playing out lightning to strike what is hardly
 different from myself,
 On all sides prurient provokers stiffening my limbs,
 Straining the udder of my heart for its withheld drip,
 Behaving licentious toward me, taking no denial,
 Depriving me of my best as for a purpose,
 Unbuttoning my clothes, holding me by the bare waist,
 Deluding my confusion with the calm of the sunlight and pasture-fields,
 Immodestly sliding the fellow-senses away,
 They bribed to swap off with touch and go and graze at the edges of me,
 No consideration, no regard for my draining strength or my anger,
 Fetching the rest of the herd around to enjoy them a while,
 Then all uniting to stand on a headland and worry me.

The sentries desert every other part of me,
 They have left me helpless to a red marauder,
 They all come to the headland to witness and assist against me.

I am given up by traitors,
 I talk wildly, I have lost my wits, I and nobody else am the
 greatest traitor,
 I went myself first to the headland, my own hands carried me there.

You villain touch! what are you doing? my breath is tight in its throat,
 Unclench your floodgates, you are too much for me.

29

Blind loving wrestling touch, sheath'd hooded sharp-tooth'd touch!
 Did it make you ache so, leaving me?

Parting track'd by arriving, perpetual payment of perpetual loan,
 Rich showering rain, and recompense richer afterward.

Sprouts take and accumulate, stand by the curb prolific and vital,
 Landscapes projected masculine, full-sized and golden.

30

All truths wait in all things,
 They neither hasten their own delivery nor resist it,
 They do not need the obstetric forceps of the surgeon,
 The insignificant is as big to me as any,
 (What is less or more than a touch?)

Logic and sermons never convince,
The damp of the night drives deeper into my soul.

(Only what proves itself to every man and woman is so,
Only what nobody denies is so.)

A minute and a drop of me settle my brain,
I believe the soggy clods shall become lovers and lamps,
And a compend of compends is the meat of a man or woman,
And a summit and flower there is the feeling they have for each other,
And they are to branch boundlessly out of that lesson until it
becomes omnific,
And until one and all shall delight us, and we them.

31

I believe a leaf of grass is no less than the journey work of the stars,
And the pismire is equally perfect, and a grain of sand, and the egg
of the wren,
And the tree-toad is a chef-d'oeuvre for the highest,
And the running blackberry would adorn the parlors of heaven,
And the narrowest hinge in my hand puts to scorn all machinery,
And the cow crunching with depress'd head surpasses any statue,
And a mouse is miracle enough to stagger sextillions of infidels.

I find I incorporate gneiss, coal, long-threaded moss, fruits,
grains, esculent roots,
And am stucco'd with quadrupeds and birds all over,
And have distanced what is behind me for good reasons,
But call any thing back again when I desire it.

In vain the speeding or shyness,
In vain the plutonic rocks send their old heat against my approach,
In vain the mastodon retreats beneath its own powder'd bones,
In vain objects stand leagues off and assume manifold shapes,
In vain the ocean settling in hollows and the great monsters lying low,
In vain the buzzard houses herself with the sky,
In vain the snake slides through the creepers and logs,
In vain the elk takes to the inner passes of the woods,
In vain the razor-bill'd auk sails far north to Labrador,
I follow quickly, I ascend to the nest in the fissure of the cliff.

32

I think I could turn and live with animals, they are so placid and
self-contain'd,
I stand and look at them long and long.

They do not sweat and whine about their condition,

They do not lie awake in the dark and weep for their sins,
 They do not make me sick discussing their duty to God,
 Not one is dissatisfied, not one is demented with the mania of
 owning things,
 Not one kneels to another, nor to his kind that lived thousands of
 years ago,
 Not one is respectable or unhappy over the whole earth.

So they show their relations to me and I accept them,
 They bring me tokens of myself, they evince them plainly in their
 possession.

I wonder where they get those tokens,
 Did I pass that way huge times ago and negligently drop them?

Myself moving forward then and now and forever,
 Gathering and showing more always and with velocity,
 Infinite and omnigenous, and the like of these among them,
 Not too exclusive toward the reachers of my remembrancers,
 Picking out here one that I love, and now go with him on brotherly terms.

A gigantic beauty of a stallion, fresh and responsive to my caresses,
 Head high in the forehead, wide between the ears,
 Limbs glossy and supple, tail dusting the ground,
 Eyes full of sparkling wickedness, ears finely cut, flexibly moving.

His nostrils dilate as my heels embrace him,
 His well-built limbs tremble with pleasure as we race around and return.

I but use you a minute, then I resign you, stallion,
 Why do I need your paces when I myself out-gallop them?
 Even as I stand or sit passing faster than you.

33

Space and Time! now I see it is true, what I guess'd at,
 What I guess'd when I loaf'd on the grass,
 What I guess'd while I lay alone in my bed,
 And again as I walk'd the beach under the paling stars of the morning.

My ties and ballasts leave me, my elbows rest in sea-gaps,
 I skirt sierras, my palms cover continents,
 I am afoot with my vision.

By the city's quadrangular houses--in log huts, camping with lumber-men,
 Along the ruts of the turnpike, along the dry gulch and rivulet bed,
 Weeding my onion-patch or hosing rows of carrots and parsnips,
 crossing savannas, trailing in forests,
 Prospecting, gold-digging, girdling the trees of a new purchase,
 Scorch'd ankle-deep by the hot sand, hauling my boat down the

shallow river,
 Where the panther walks to and fro on a limb overhead, where the
 buck turns furiously at the hunter,
 Where the rattlesnake suns his flabby length on a rock, where the
 otter is feeding on fish,
 Where the alligator in his tough pimples sleeps by the bayou,
 Where the black bear is searching for roots or honey, where the
 beaver pats the mud with his paddle-shaped tail;
 Over the growing sugar, over the yellow-flower'd cotton plant, over
 the rice in its low moist field,
 Over the sharp-peak'd farm house, with its scallop'd scum and
 slender shoots from the gutters,
 Over the western persimmon, over the long-leav'd corn, over the
 delicate blue-flower flax,
 Over the white and brown buckwheat, a hummer and buzzer there with
 the rest,
 Over the dusky green of the rye as it ripples and shades in the breeze;
 Scaling mountains, pulling myself cautiously up, holding on by low
 scragged limbs,
 Walking the path worn in the grass and beat through the leaves of the brush,
 Where the quail is whistling betwixt the woods and the wheat-lot,
 Where the bat flies in the Seventh-month eve, where the great
 goldbug drops through the dark,
 Where the brook puts out of the roots of the old tree and flows to
 the meadow,
 Where cattle stand and shake away flies with the tremulous
 shuddering of their hides,
 Where the cheese-cloth hangs in the kitchen, where andirons straddle
 the hearth-slab, where cobwebs fall in festoons from the rafters;
 Where trip-hammers crash, where the press is whirling its cylinders,
 Wherever the human heart beats with terrible throes under its ribs,
 Where the pear-shaped balloon is floating aloft, (floating in it
 myself and looking composedly down,)
 Where the life-car is drawn on the slip-noose, where the heat
 hatches pale-green eggs in the dented sand,
 Where the she-whale swims with her calf and never forsakes it,
 Where the steam-ship trails hind-ways its long pennant of smoke,
 Where the fin of the shark cuts like a black chip out of the water,
 Where the half-burn'd brig is riding on unknown currents,
 Where shells grow to her slimy deck, where the dead are corrupting below;
 Where the dense-starr'd flag is borne at the head of the regiments,
 Approaching Manhattan up by the long-stretching island,
 Under Niagara, the cataract falling like a veil over my countenance,
 Upon a door-step, upon the horse-block of hard wood outside,
 Upon the race-course, or enjoying picnics or jigs or a good game of
 base-ball,
 At he-festivals, with blackguard gibes, ironical license,
 bull-dances, drinking, laughter,
 At the cider-mill tasting the sweets of the brown mash, sucking the
 juice through a straw,

At apple-peelings wanting kisses for all the red fruit I find,
 At musters, beach-parties, friendly bees, huskings, house-raising;
 Where the mocking-bird sounds his delicious gurgles, cackles,
 screams, weeps,
 Where the hay-rick stands in the barn-yard, where the dry-stalks are
 scatter'd, where the brood-cow waits in the hovel,
 Where the bull advances to do his masculine work, where the stud to
 the mare, where the cock is treading the hen,
 Where the heifers browse, where geese nip their food with short jerks,
 Where sun-down shadows lengthen over the limitless and lonesome prairie,
 Where herds of buffalo make a crawling spread of the square miles
 far and near,
 Where the humming-bird shimmers, where the neck of the long-lived
 swan is curving and winding,
 Where the laughing-gull scoots by the shore, where she laughs her
 near-human laugh,
 Where bee-hives range on a gray bench in the garden half hid by the
 high weeds,
 Where band-neck'd partridges roost in a ring on the ground with
 their heads out,
 Where burial coaches enter the arch'd gates of a cemetery,
 Where winter wolves bark amid wastes of snow and icicled trees,
 Where the yellow-crown'd heron comes to the edge of the marsh at
 night and feeds upon small crabs,
 Where the splash of swimmers and divers cools the warm noon,
 Where the katy-did works her chromatic reed on the walnut-tree over
 the well,
 Through patches of citrons and cucumbers with silver-wired leaves,
 Through the salt-lick or orange glade, or under conical firs,
 Through the gymnasium, through the curtain'd saloon, through the
 office or public hall;
 Pleas'd with the native and pleas'd with the foreign, pleas'd with
 the new and old,
 Pleas'd with the homely woman as well as the handsome,
 Pleas'd with the quakeress as she puts off her bonnet and talks melodiously,
 Pleas'd with the tune of the choir of the whitewash'd church,
 Pleas'd with the earnest words of the sweating Methodist preacher,
 impress'd seriously at the camp-meeting;
 Looking in at the shop-windows of Broadway the whole forenoon,
 flattening the flesh of my nose on the thick plate glass,
 Wandering the same afternoon with my face turn'd up to the clouds,
 or down a lane or along the beach,
 My right and left arms round the sides of two friends, and I in the middle;
 Coming home with the silent and dark-cheek'd bush-boy, (behind me
 he rides at the drape of the day,)
 Far from the settlements studying the print of animals' feet, or the
 moccasin print,
 By the cot in the hospital reaching lemonade to a feverish patient,
 Nigh the coffin'd corpse when all is still, examining with a candle;
 Voyaging to every port to dicker and adventure,

Hurrying with the modern crowd as eager and fickle as any,
 Hot toward one I hate, ready in my madness to knife him,
 Solitary at midnight in my back yard, my thoughts gone from me a long while,
 Walking the old hills of Judaea with the beautiful gentle God by my side,
 Speeding through space, speeding through heaven and the stars,
 Speeding amid the seven satellites and the broad ring, and the
 diameter of eighty thousand miles,
 Speeding with tail'd meteors, throwing fire-balls like the rest,
 Carrying the crescent child that carries its own full mother in its belly,
 Storming, enjoying, planning, loving, cautioning,
 Backing and filling, appearing and disappearing,
 I tread day and night such roads.

I visit the orchards of spheres and look at the product,
 And look at quintillions ripen'd and look at quintillions green.

I fly those flights of a fluid and swallowing soul,
 My course runs below the soundings of plummetts.

I help myself to material and immaterial,
 No guard can shut me off, no law prevent me.

I anchor my ship for a little while only,
 My messengers continually cruise away or bring their returns to me.

I go hunting polar furs and the seal, leaping chasms with a
 pike-pointed staff, clinging to topples of brittle and blue.

I ascend to the foretruck,
 I take my place late at night in the crow's-nest,
 We sail the arctic sea, it is plenty light enough,
 Through the clear atmosphere I stretch around on the wonderful beauty,
 The enormous masses of ice pass me and I pass them, the scenery is
 plain in all directions,
 The white-topt mountains show in the distance, I fling out my
 fancies toward them,
 We are approaching some great battle-field in which we are soon to
 be engaged,
 We pass the colossal outposts of the encampment, we pass with still
 feet and caution,
 Or we are entering by the suburbs some vast and ruin'd city,
 The blocks and fallen architecture more than all the living cities
 of the globe.

I am a free companion, I bivouac by invading watchfires,
 I turn the bridegroom out of bed and stay with the bride myself,
 I tighten her all night to my thighs and lips.

My voice is the wife's voice, the screech by the rail of the stairs,
 They fetch my man's body up dripping and drown'd.

I understand the large hearts of heroes,
 The courage of present times and all times,
 How the skipper saw the crowded and rudderless wreck of the
 steamship, and Death chasing it up and down the storm,
 How he knuckled tight and gave not back an inch, and was faithful of
 days and faithful of nights,
 And chalk'd in large letters on a board, Be of good cheer, we will
 not desert you;
 How he follow'd with them and tack'd with them three days and
 would not give it up,
 How he saved the drifting company at last,
 How the lank loose-gown'd women look'd when boated from the
 side of their prepared graves,
 How the silent old-faced infants and the lifted sick, and the
 sharp-lipp'd unshaved men;
 All this I swallow, it tastes good, I like it well, it becomes mine,
 I am the man, I suffer'd, I was there.

The disdain and calmness of martyrs,
 The mother of old, condemn'd for a witch, burnt with dry wood, her
 children gazing on,
 The hounded slave that flags in the race, leans by the fence,
 blowing, cover'd with sweat,
 The twinges that sting like needles his legs and neck, the murderous
 buckshot and the bullets,
 All these I feel or am.

I am the hounded slave, I wince at the bite of the dogs,
 Hell and despair are upon me, crack and again crack the marksmen,
 I clutch the rails of the fence, my gore dribs, thinn'd with the
 ooze of my skin,
 I fall on the weeds and stones,
 The riders spur their unwilling horses, haul close,
 Taunt my dizzy ears and beat me violently over the head with whip-stocks.

Agonies are one of my changes of garments,
 I do not ask the wounded person how he feels, I myself become the
 wounded person,
 My hurts turn livid upon me as I lean on a cane and observe.

I am the mash'd fireman with breast-bone broken,
 Tumbling walls buried me in their debris,
 Heat and smoke I inspired, I heard the yelling shouts of my comrades,
 I heard the distant click of their picks and shovels,
 They have clear'd the beams away, they tenderly lift me forth.

I lie in the night air in my red shirt, the pervading hush is for my sake,
 Painless after all I lie exhausted but not so unhappy,
 White and beautiful are the faces around me, the heads are bared

of their fire-caps,
The kneeling crowd fades with the light of the torches.

Distant and dead resuscitate,
They show as the dial or move as the hands of me, I am the clock myself.

I am an old artilleryist, I tell of my fort's bombardment,
I am there again.

Again the long roll of the drummers,
Again the attacking cannon, mortars,
Again to my listening ears the cannon responsive.

I take part, I see and hear the whole,
The cries, curses, roar, the plaudits for well-aim'd shots,
The ambulanza slowly passing trailing its red drip,
Workmen searching after damages, making indispensable repairs,
The fall of grenades through the rent roof, the fan-shaped explosion,
The whizz of limbs, heads, stone, wood, iron, high in the air.

Again gurgles the mouth of my dying general, he furiously waves
with his hand,
He gasps through the clot Mind not me--mind--the entrenchments.

34

Now I tell what I knew in Texas in my early youth,
(I tell not the fall of Alamo,
Not one escaped to tell the fall of Alamo,
The hundred and fifty are dumb yet at Alamo,)
'Tis the tale of the murder in cold blood of four hundred and twelve
young men.

Retreating they had form'd in a hollow square with their baggage for
breastworks,
Nine hundred lives out of the surrounding enemies, nine times their
number, was the price they took in advance,
Their colonel was wounded and their ammunition gone,
They treated for an honorable capitulation, receiv'd writing and
seal, gave up their arms and march'd back prisoners of war.

They were the glory of the race of rangers,
Matchless with horse, rifle, song, supper, courtship,
Large, turbulent, generous, handsome, proud, and affectionate,
Bearded, sunburnt, drest in the free costume of hunters,
Not a single one over thirty years of age.

The second First-day morning they were brought out in squads and
massacred, it was beautiful early summer,
The work commenced about five o'clock and was over by eight.

None obey'd the command to kneel,
 Some made a mad and helpless rush, some stood stark and straight,
 A few fell at once, shot in the temple or heart, the living and dead
 lay together,
 The maim'd and mangled dug in the dirt, the new-comers saw them there,
 Some half-kill'd attempted to crawl away,
 These were despatch'd with bayonets or batter'd with the blunts of muskets,
 A youth not seventeen years old seiz'd his assassin till two more
 came to release him,
 The three were all torn and cover'd with the boy's blood.

At eleven o'clock began the burning of the bodies;
 That is the tale of the murder of the four hundred and twelve young men.

35

Would you hear of an old-time sea-fight?
 Would you learn who won by the light of the moon and stars?
 List to the yarn, as my grandmother's father the sailor told it to me.

Our foe was no sulk in his ship I tell you, (said he,)
 His was the surly English pluck, and there is no tougher or truer,
 and never was, and never will be;
 Along the lower'd eve he came horribly raking us.

We closed with him, the yards entangled, the cannon touch'd,
 My captain lash'd fast with his own hands.

We had receiv'd some eighteen pound shots under the water,
 On our lower-gun-deck two large pieces had burst at the first fire,
 killing all around and blowing up overhead.

Fighting at sun-down, fighting at dark,
 Ten o'clock at night, the full moon well up, our leaks on the gain,
 and five feet of water reported,
 The master-at-arms loosing the prisoners confined in the after-hold
 to give them a chance for themselves.

The transit to and from the magazine is now stopt by the sentinels,
 They see so many strange faces they do not know whom to trust.

Our frigate takes fire,
 The other asks if we demand quarter?
 If our colors are struck and the fighting done?

Now I laugh content, for I hear the voice of my little captain,
 We have not struck, he composedly cries, we have just begun our part
 of the fighting.

Only three guns are in use,
 One is directed by the captain himself against the enemy's main-mast,
 Two well serv'd with grape and canister silence his musketry and
 clear his decks.

The tops alone second the fire of this little battery, especially
 the main-top,
 They hold out bravely during the whole of the action.

Not a moment's cease,
 The leaks gain fast on the pumps, the fire eats toward the powder-magazine.

One of the pumps has been shot away, it is generally thought we are sinking.

Serene stands the little captain,
 He is not hurried, his voice is neither high nor low,
 His eyes give more light to us than our battle-lanterns.

Toward twelve there in the beams of the moon they surrender to us.

36

Stretch'd and still lies the midnight,
 Two great hulls motionless on the breast of the darkness,
 Our vessel riddled and slowly sinking, preparations to pass to the
 one we have conquer'd,
 The captain on the quarter-deck coldly giving his orders through a
 countenance white as a sheet,
 Near by the corpse of the child that serv'd in the cabin,
 The dead face of an old salt with long white hair and carefully
 curl'd whiskers,
 The flames spite of all that can be done flickering aloft and below,
 The husky voices of the two or three officers yet fit for duty,
 Formless stacks of bodies and bodies by themselves, dabs of flesh
 upon the masts and spars,
 Cut of cordage, dangle of rigging, slight shock of the soothe of waves,
 Black and impassive guns, litter of powder-parcels, strong scent,
 A few large stars overhead, silent and mournful shining,
 Delicate sniffs of sea-breeze, smells of sedgy grass and fields by
 the shore, death-messages given in charge to survivors,
 The hiss of the surgeon's knife, the gnawing teeth of his saw,
 Wheeze, cluck, swash of falling blood, short wild scream, and long,
 dull, tapering groan,
 These so, these irretrievable.

37

You laggards there on guard! look to your arms!
 In at the conquer'd doors they crowd! I am possess'd!
 Embody all presences outlaw'd or suffering,

See myself in prison shaped like another man,
And feel the dull unintermitted pain.

For me the keepers of convicts shoulder their carbines and keep watch,
It is I let out in the morning and barr'd at night.

Not a mutineer walks handcuff'd to jail but I am handcuff'd to him
and walk by his side,
(I am less the jolly one there, and more the silent one with sweat
on my twitching lips.)

Not a youngster is taken for larceny but I go up too, and am tried
and sentenced.

Not a cholera patient lies at the last gasp but I also lie at the last gasp,
My face is ash-color'd, my sinews gnarl, away from me people retreat.

Askers embody themselves in me and I am embodied in them,
I project my hat, sit shame-faced, and beg.

38

Enough! enough! enough!
Somehow I have been stunn'd. Stand back!
Give me a little time beyond my cuff'd head, slumbers, dreams, gaping,
I discover myself on the verge of a usual mistake.

That I could forget the mockers and insults!
That I could forget the trickling tears and the blows of the
bludgeons and hammers!
That I could look with a separate look on my own crucifixion and
bloody crowning.

I remember now,
I resume the overstaid fraction,
The grave of rock multiplies what has been confided to it, or to any graves,
Corpses rise, gashes heal, fastenings roll from me.

I troop forth replenish'd with supreme power, one of an average
unending procession,
Inland and sea-coast we go, and pass all boundary lines,
Our swift ordinances on their way over the whole earth,
The blossoms we wear in our hats the growth of thousands of years.

Eleves, I salute you! come forward!
Continue your annotations, continue your questionings.

39

The friendly and flowing savage, who is he?

Is he waiting for civilization, or past it and mastering it?

Is he some Southwesterner rais'd out-doors? is he Kanadian?
Is he from the Mississippi country? Iowa, Oregon, California?
The mountains? prairie-life, bush-life? or sailor from the sea?

Wherever he goes men and women accept and desire him,
They desire he should like them, touch them, speak to them, stay with them.

Behavior lawless as snow-flakes, words simple as grass, uncomb'd
head, laughter, and naivete,
Slow-stepping feet, common features, common modes and emanations,
They descend in new forms from the tips of his fingers,
They are wafted with the odor of his body or breath, they fly out of
the glance of his eyes.

40

Flaunt of the sunshine I need not your bask--lie over!
You light surfaces only, I force surfaces and depths also.

Earth! you seem to look for something at my hands,
Say, old top-knot, what do you want?

Man or woman, I might tell how I like you, but cannot,
And might tell what it is in me and what it is in you, but cannot,
And might tell that pining I have, that pulse of my nights and days.

Behold, I do not give lectures or a little charity,
When I give I give myself.

You there, impotent, loose in the knees,
Open your scarf'd chops till I blow grit within you,
Spread your palms and lift the flaps of your pockets,
I am not to be denied, I compel, I have stores plenty and to spare,
And any thing I have I bestow.

I do not ask who you are, that is not important to me,
You can do nothing and be nothing but what I will infold you.

To cotton-field drudge or cleaner of privies I lean,
On his right cheek I put the family kiss,
And in my soul I swear I never will deny him.

On women fit for conception I start bigger and nimbler babes.
(This day I am jetting the stuff of far more arrogant republics.)

To any one dying, thither I speed and twist the knob of the door.
Turn the bed-clothes toward the foot of the bed,
Let the physician and the priest go home.

I seize the descending man and raise him with resistless will,
 O despairer, here is my neck,
 By God, you shall not go down! hang your whole weight upon me.

I dilate you with tremendous breath, I buoy you up,
 Every room of the house do I fill with an arm'd force,
 Lovers of me, bafflers of graves.

Sleep--I and they keep guard all night,
 Not doubt, not decease shall dare to lay finger upon you,
 I have embraced you, and henceforth possess you to myself,
 And when you rise in the morning you will find what I tell you is so.

41

I am he bringing help for the sick as they pant on their backs,
 And for strong upright men I bring yet more needed help.

I heard what was said of the universe,
 Heard it and heard it of several thousand years;
 It is middling well as far as it goes--but is that all?

Magnifying and applying come I,
 Outbidding at the start the old cautious hucksters,
 Taking myself the exact dimensions of Jehovah,
 Lithographing Kronos, Zeus his son, and Hercules his grandson,
 Buying drafts of Osiris, Isis, Belus, Brahma, Buddha,
 In my portfolio placing Manito loose, Allah on a leaf, the crucifix
 engraved,
 With Odin and the hideous-faced Mexitli and every idol and image,
 Taking them all for what they are worth and not a cent more,
 Admitting they were alive and did the work of their days,
 (They bore mites as for unfledg'd birds who have now to rise and fly
 and sing for themselves,)
 Accepting the rough deific sketches to fill out better in myself,
 bestowing them freely on each man and woman I see,
 Discovering as much or more in a framer framing a house,
 Putting higher claims for him there with his roll'd-up sleeves
 driving the mallet and chisel,
 Not objecting to special revelations, considering a curl of smoke or
 a hair on the back of my hand just as curious as any revelation,
 Lads ahold of fire-engines and hook-and-ladder ropes no less to me
 than the gods of the antique wars,
 Minding their voices peal through the crash of destruction,
 Their brawny limbs passing safe over charr'd laths, their white
 foreheads whole and unhurt out of the flames;
 By the mechanic's wife with her babe at her nipple interceding for
 every person born,
 Three scythes at harvest whizzing in a row from three lusty angels

with shirts bagg'd out at their waists,
 The snag-tooth'd hostler with red hair redeeming sins past and to come,
 Selling all he possesses, traveling on foot to fee lawyers for his
 brother and sit by him while he is tried for forgery;
 What was strewn in the amplest strewing the square rod about me, and
 not filling the square rod then,
 The bull and the bug never worshipp'd half enough,
 Dung and dirt more admirable than was dream'd,
 The supernatural of no account, myself waiting my time to be one of
 the supremes,
 The day getting ready for me when I shall do as much good as the
 best, and be as prodigious;
 By my life-lumps! becoming already a creator,
 Putting myself here and now to the ambush'd womb of the shadows.

42

A call in the midst of the crowd,
 My own voice, orotund sweeping and final.

Come my children,
 Come my boys and girls, my women, household and intimates,
 Now the performer launches his nerve, he has pass'd his prelude on
 the reeds within.

Easily written loose-finger'd chords--I feel the thrum of your
 climax and close.

My head slues round on my neck,
 Music rolls, but not from the organ,
 Folks are around me, but they are no household of mine.

Ever the hard unsunk ground,
 Ever the eaters and drinkers, ever the upward and downward sun, ever
 the air and the ceaseless tides,
 Ever myself and my neighbors, refreshing, wicked, real,
 Ever the old inexplicable query, ever that thorn'd thumb, that
 breath of itches and thirsts,
 Ever the vexer's hoot! hoot! till we find where the sly one hides
 and bring him forth,
 Ever love, ever the sobbing liquid of life,
 Ever the bandage under the chin, ever the trestles of death.

Here and there with dimes on the eyes walking,
 To feed the greed of the belly the brains liberally spooning,
 Tickets buying, taking, selling, but in to the feast never once going,
 Many sweating, ploughing, thrashing, and then the chaff for payment
 receiving,
 A few idly owning, and they the wheat continually claiming.

This is the city and I am one of the citizens,
 Whatever interests the rest interests me, politics, wars, markets,
 newspapers, schools,
 The mayor and councils, banks, tariffs, steamships, factories,
 stocks, stores, real estate and personal estate.

The little plentiful manikins skipping around in collars and tail'd coats
 I am aware who they are, (they are positively not worms or fleas,)
 I acknowledge the duplicates of myself, the weakest and shallowest
 is deathless with me,
 What I do and say the same waits for them,
 Every thought that flounders in me the same flounders in them.

I know perfectly well my own egotism,
 Know my omnivorous lines and must not write any less,
 And would fetch you whoever you are flush with myself.

Not words of routine this song of mine,
 But abruptly to question, to leap beyond yet nearer bring;
 This printed and bound book--but the printer and the
 printing-office boy?
 The well-taken photographs--but your wife or friend close and solid
 in your arms?
 The black ship mail'd with iron, her mighty guns in her turrets--but
 the pluck of the captain and engineers?
 In the houses the dishes and fare and furniture--but the host and
 hostess, and the look out of their eyes?
 The sky up there--yet here or next door, or across the way?
 The saints and sages in history--but you yourself?
 Sermons, creeds, theology--but the fathomless human brain,
 And what is reason? and what is love? and what is life?

43

I do not despise you priests, all time, the world over,
 My faith is the greatest of faiths and the least of faiths,
 Enclosing worship ancient and modern and all between ancient and modern,
 Believing I shall come again upon the earth after five thousand years,
 Waiting responses from oracles, honoring the gods, saluting the sun,
 Making a fetich of the first rock or stump, powowing with sticks in
 the circle of obis,
 Helping the llama or brahmin as he trims the lamps of the idols,
 Dancing yet through the streets in a phallic procession, rapt and
 austere in the woods a gymnosophist,
 Drinking mead from the skull-cap, to Shastas and Vedas admirant,
 minding the Koran,
 Walking the teokallis, spotted with gore from the stone and knife,
 beating the serpent-skin drum,
 Accepting the Gospels, accepting him that was crucified, knowing
 assuredly that he is divine,

To the mass kneeling or the puritan's prayer rising, or sitting
 patiently in a pew,
 Ranting and frothing in my insane crisis, or waiting dead-like till
 my spirit arouses me,
 Looking forth on pavement and land, or outside of pavement and land,
 Belonging to the winders of the circuit of circuits.

One of that centripetal and centrifugal gang I turn and talk like
 man leaving charges before a journey.

Down-hearted doubters dull and excluded,
 Frivolous, sullen, moping, angry, affected, dishearten'd, atheistical,
 I know every one of you, I know the sea of torment, doubt, despair
 and unbelief.

How the flukes splash!
 How they contort rapid as lightning, with spasms and spouts of blood!

Be at peace bloody flukes of doubters and sullen mopers,
 I take my place among you as much as among any,
 The past is the push of you, me, all, precisely the same,
 And what is yet untried and afterward is for you, me, all, precisely
 the same.

I do not know what is untried and afterward,
 But I know it will in its turn prove sufficient, and cannot fail.

Each who passes is consider'd, each who stops is consider'd, not
 single one can it fall.

It cannot fall the young man who died and was buried,
 Nor the young woman who died and was put by his side,
 Nor the little child that peep'd in at the door, and then drew back
 and was never seen again,
 Nor the old man who has lived without purpose, and feels it with
 bitterness worse than gall,
 Nor him in the poor house tubercled by rum and the bad disorder,
 Nor the numberless slaughter'd and wreck'd, nor the brutish koboo
 call'd the ordure of humanity,
 Nor the sacs merely floating with open mouths for food to slip in,
 Nor any thing in the earth, or down in the oldest graves of the earth,
 Nor any thing in the myriads of spheres, nor the myriads of myriads
 that inhabit them,
 Nor the present, nor the least wisp that is known.

44

It is time to explain myself--let us stand up.

What is known I strip away,

I launch all men and women forward with me into the Unknown.

The clock indicates the moment--but what does eternity indicate?

We have thus far exhausted trillions of winters and summers,
There are trillions ahead, and trillions ahead of them.

Births have brought us richness and variety,
And other births will bring us richness and variety.

I do not call one greater and one smaller,
That which fills its period and place is equal to any.

Were mankind murderous or jealous upon you, my brother, my sister?
I am sorry for you, they are not murderous or jealous upon me,
All has been gentle with me, I keep no account with lamentation,
(What have I to do with lamentation?)

I am an acme of things accomplish'd, and I an encloser of things to be.

My feet strike an apex of the apices of the stairs,
On every step bunches of ages, and larger bunches between the steps,
All below duly travel'd, and still I mount and mount.

Rise after rise bow the phantoms behind me,
Afar down I see the huge first Nothing, I know I was even there,
I waited unseen and always, and slept through the lethargic mist,
And took my time, and took no hurt from the fetid carbon.

Long I was hugg'd close--long and long.

Immense have been the preparations for me,
Faithful and friendly the arms that have help'd me.

Cycles ferried my cradle, rowing and rowing like cheerful boatmen,
For room to me stars kept aside in their own rings,
They sent influences to look after what was to hold me.

Before I was born out of my mother generations guided me,
My embryo has never been torpid, nothing could overlay it.

For it the nebula cohered to an orb,
The long slow strata piled to rest it on,
Vast vegetables gave it sustenance,
Monstrous sauroids transported it in their mouths and deposited it
with care.

All forces have been steadily employ'd to complete and delight me,
Now on this spot I stand with my robust soul.

45

O span of youth! ever-push'd elasticity!
O manhood, balanced, florid and full.

My lovers suffocate me,
Crowding my lips, thick in the pores of my skin,
Jostling me through streets and public halls, coming naked to me at night,
Crying by day, Ahoy! from the rocks of the river, swinging and
chirping over my head,
Calling my name from flower-beds, vines, tangled underbrush,
Lighting on every moment of my life,
Bussing my body with soft balsamic busses,
Noiselessly passing handfuls out of their hearts and giving them to be mine.

Old age superbly rising! O welcome, ineffable grace of dying days!

Every condition promulges not only itself, it promulges what grows
after and out of itself,
And the dark hush promulges as much as any.

I open my scuttle at night and see the far-sprinkled systems,
And all I see multiplied as high as I can cipher edge but the rim of
the farther systems.

Wider and wider they spread, expanding, always expanding,
Outward and outward and forever outward.

My sun has his sun and round him obediently wheels,
He joins with his partners a group of superior circuit,
And greater sets follow, making specks of the greatest inside them.

There is no stoppage and never can be stoppage,
If I, you, and the worlds, and all beneath or upon their surfaces,
were this moment reduced back to a pallid float, it would
not avail the long run,
We should surely bring up again where we now stand,
And surely go as much farther, and then farther and farther.

A few quadrillions of eras, a few octillions of cubic leagues, do
not hazard the span or make it impatient,
They are but parts, any thing is but a part.

See ever so far, there is limitless space outside of that,
Count ever so much, there is limitless time around that.

My rendezvous is appointed, it is certain,
The Lord will be there and wait till I come on perfect terms,
The great Camerado, the lover true for whom I pine will be there.

46

I know I have the best of time and space, and was never measured and never will be measured.

I tramp a perpetual journey, (come listen all!)
 My signs are a rain-proof coat, good shoes, and a staff cut from the woods,
 No friend of mine takes his ease in my chair,
 I have no chair, no church, no philosophy,
 I lead no man to a dinner-table, library, exchange,
 But each man and each woman of you I lead upon a knoll,
 My left hand hooking you round the waist,
 My right hand pointing to landscapes of continents and the public road.

Not I, not any one else can travel that road for you,
 You must travel it for yourself.

It is not far, it is within reach,
 Perhaps you have been on it since you were born and did not know,
 Perhaps it is everywhere on water and on land.

Shoulder your duds dear son, and I will mine, and let us hasten forth,
 Wonderful cities and free nations we shall fetch as we go.

If you tire, give me both burdens, and rest the chuff of your hand
 on my hip,
 And in due time you shall repay the same service to me,
 For after we start we never lie by again.

This day before dawn I ascended a hill and look'd at the crowded heaven,
 And I said to my spirit When we become the enfolders of those orbs,
 and the pleasure and knowledge of every thing in them, shall we
 be fill'd and satisfied then?
 And my spirit said No, we but level that lift to pass and continue beyond.

You are also asking me questions and I hear you,
 I answer that I cannot answer, you must find out for yourself.

Sit a while dear son,
 Here are biscuits to eat and here is milk to drink,
 But as soon as you sleep and renew yourself in sweet clothes, I kiss you
 with a good-by kiss and open the gate for your egress hence.

Long enough have you dream'd contemptible dreams,
 Now I wash the gum from your eyes,
 You must habit yourself to the dazzle of the light and of every
 moment of your life.

Long have you timidly waded holding a plank by the shore,
 Now I will you to be a bold swimmer,

To jump off in the midst of the sea, rise again, nod to me, shout,
and laughingly dash with your hair.

47

I am the teacher of athletes,
He that by me spreads a wider breast than my own proves the width of my own,
He most honors my style who learns under it to destroy the teacher.

The boy I love, the same becomes a man not through derived power,
but in his own right,
Wicked rather than virtuous out of conformity or fear,
Fond of his sweetheart, relishing well his steak,
Unrequited love or a slight cutting him worse than sharp steel cuts,
First-rate to ride, to fight, to hit the bull's eye, to sail a
skiff, to sing a song or play on the banjo,
Preferring scars and the beard and faces pitted with small-pox over
all latherers,
And those well-tann'd to those that keep out of the sun.

I teach straying from me, yet who can stray from me?
I follow you whoever you are from the present hour,
My words itch at your ears till you understand them.

I do not say these things for a dollar or to fill up the time while
I wait for a boat,
(It is you talking just as much as myself, I act as the tongue of you,
Tied in your mouth, in mine it begins to be loosen'd.)

I swear I will never again mention love or death inside a house,
And I swear I will never translate myself at all, only to him or her
who privately stays with me in the open air.

If you would understand me go to the heights or water-shore,
The nearest gnat is an explanation, and a drop or motion of waves key,
The maul, the oar, the hand-saw, second my words.

No shutter'd room or school can commune with me,
But roughs and little children better than they.

The young mechanic is closest to me, he knows me well,
The woodman that takes his axe and jug with him shall take me with
him all day,
The farm-boy ploughing in the field feels good at the sound of my voice,
In vessels that sail my words sail, I go with fishermen and seamen
and love them.

The soldier camp'd or upon the march is mine,
On the night ere the pending battle many seek me, and I do not fail them,
On that solemn night (it may be their last) those that know me seek me.

My face rubs to the hunter's face when he lies down alone in his blanket,
 The driver thinking of me does not mind the jolt of his wagon,
 The young mother and old mother comprehend me,
 The girl and the wife rest the needle a moment and forget where they are,
 They and all would resume what I have told them.

48

I have said that the soul is not more than the body,
 And I have said that the body is not more than the soul,
 And nothing, not God, is greater to one than one's self is,
 And whoever walks a furlong without sympathy walks to his own
 funeral drest in his shroud,
 And I or you pocketless of a dime may purchase the pick of the earth,
 And to glance with an eye or show a bean in its pod confounds the
 learning of all times,
 And there is no trade or employment but the young man following it
 may become a hero,
 And there is no object so soft but it makes a hub for the wheel'd universe,
 And I say to any man or woman, Let your soul stand cool and composed
 before a million universes.

And I say to mankind, Be not curious about God,
 For I who am curious about each am not curious about God,
 (No array of terms can say how much I am at peace about God and
 about death.)

I hear and behold God in every object, yet understand God not in the least,
 Nor do I understand who there can be more wonderful than myself.

Why should I wish to see God better than this day?
 I see something of God each hour of the twenty-four, and each moment then,
 In the faces of men and women I see God, and in my own face in the glass,
 I find letters from God dropt in the street, and every one is sign'd
 by God's name,
 And I leave them where they are, for I know that wheresoe'er I go,
 Others will punctually come for ever and ever.

49

And as to you Death, and you bitter hug of mortality, it is idle to
 try to alarm me.

To his work without flinching the accoucheur comes,
 I see the elder-hand pressing receiving supporting,
 I recline by the sills of the exquisite flexible doors,
 And mark the outlet, and mark the relief and escape.

And as to you Corpse I think you are good manure, but that does not
 offend me,

I smell the white roses sweet-scented and growing,
I reach to the leafy lips, I reach to the polish'd breasts of melons.

And as to you Life I reckon you are the leavings of many deaths,
(No doubt I have died myself ten thousand times before.)

I hear you whispering there O stars of heaven,
O suns--O grass of graves--O perpetual transfers and promotions,
If you do not say any thing how can I say any thing?

Of the turbid pool that lies in the autumn forest,
Of the moon that descends the steeps of the souging twilight,
Toss, sparkles of day and dusk--toss on the black stems that decay
in the muck,
Toss to the moaning gibberish of the dry limbs.

I ascend from the moon, I ascend from the night,
I perceive that the ghastly glimmer is noonday sunbeams reflected,
And debouch to the steady and central from the offspring great or small.

50

There is that in me--I do not know what it is--but I know it is in me.

Wrench'd and sweaty--calm and cool then my body becomes,
I sleep--I sleep long.

I do not know it--it is without name--it is a word unsaid,
It is not in any dictionary, utterance, symbol.

Something it swings on more than the earth I swing on,
To it the creation is the friend whose embracing awakes me.

Perhaps I might tell more. Outlines! I plead for my brothers and sisters.

Do you see O my brothers and sisters?
It is not chaos or death--it is form, union, plan--it is eternal
life--it is Happiness.

51

The past and present wilt--I have fill'd them, emptied them.
And proceed to fill my next fold of the future.

Listener up there! what have you to confide to me?
Look in my face while I snuff the sidle of evening,
(Talk honestly, no one else hears you, and I stay only a minute longer.)

Do I contradict myself?
Very well then I contradict myself,

(I am large, I contain multitudes.)

I concentrate toward them that are nigh, I wait on the door-slab.

Who has done his day's work? who will soonest be through with his supper?
Who wishes to walk with me?

Will you speak before I am gone? will you prove already too late?

52

The spotted hawk swoops by and accuses me, he complains of my gab
and my loitering.

I too am not a bit tamed, I too am untranslatable,
I sound my barbaric yawp over the roofs of the world.

The last scud of day holds back for me,
It flings my likeness after the rest and true as any on the shadow'd wilds,
It coaxes me to the vapor and the dusk.

I depart as air, I shake my white locks at the runaway sun,
I effuse my flesh in eddies, and drift it in lacy jags.

I bequeath myself to the dirt to grow from the grass I love,
If you want me again look for me under your boot-soles.

You will hardly know who I am or what I mean,
But I shall be good health to you nevertheless,
And filter and fibre your blood.

Failing to fetch me at first keep encouraged,
Missing me one place search another,
I stop somewhere waiting for you.